

Nº 519 • ANO XLVI
JUNHO 2017 • MENSAL • €1,50

Revista da ARMADA



DIA DA MARINHA

2017



700 ANOS A SERVIR PORTUGAL NO MAR



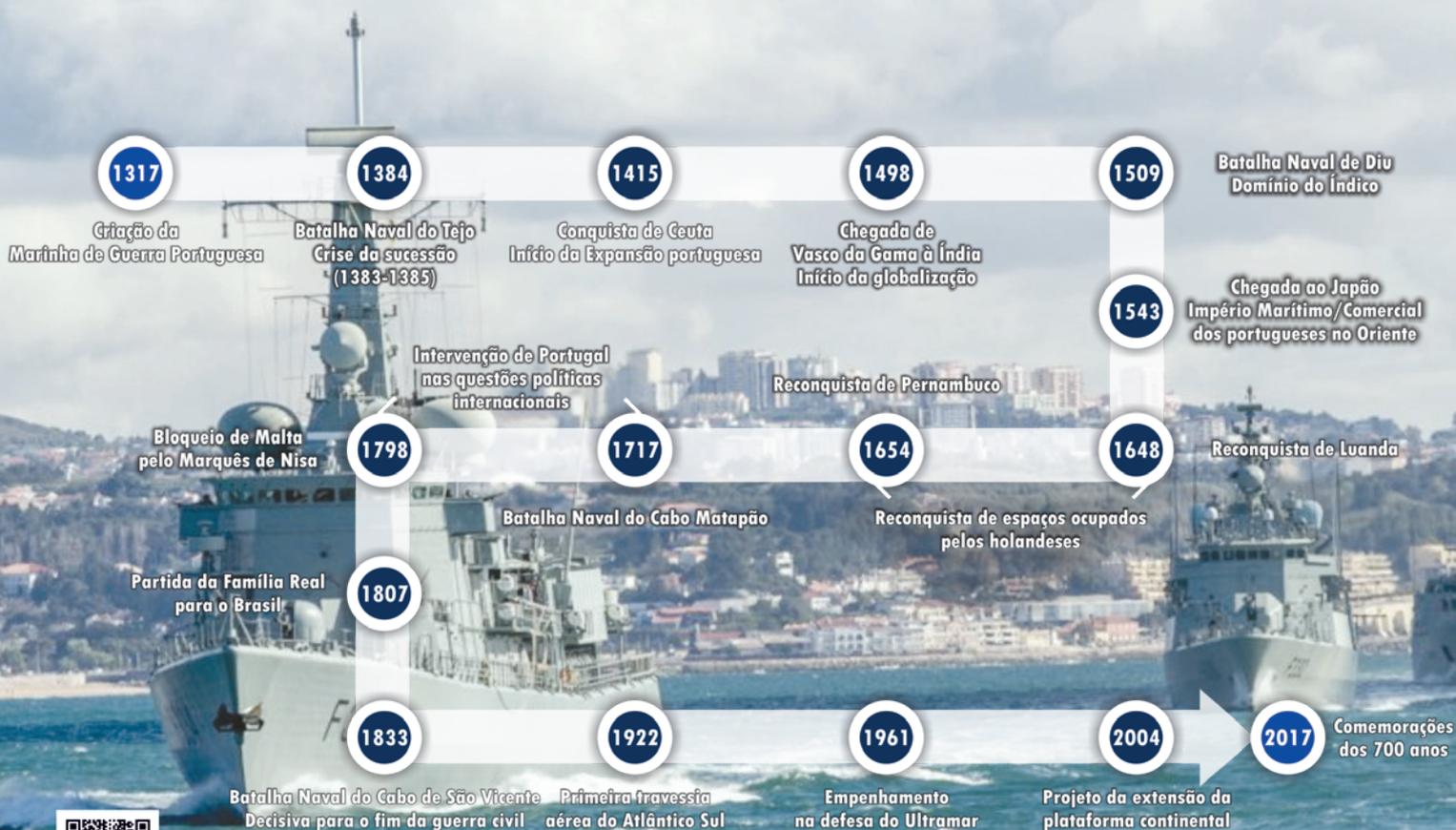
Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional

A Marinha de Guerra Portuguesa foi formalmente criada no dia 1 de fevereiro de 1317, por Carta Régia de D. Dinis.

Este importante documento, também conhecido como “Contrato de Pessanha”, estabelece pela primeira vez a organização permanente da Marinha e nomeia o genovês Manuel Pessanha como Almirante do Reino de Portugal.

Os 700 anos da criação formal da Marinha foi o tema central do Dia da Marinha, que este ano se celebrou nas cidades da Póvoa de Varzim e Vila do Conde, no período de 13 a 21 de maio.

Até ao final do ano serão realizadas múltiplas atividades para divulgar esta importante efeméride dirigidas a todos os militares, militarizados e civis que servem a Marinha e que tem por objetivo mostrar que **ao longo dos últimos 700 anos a Marinha esteve sempre presente e assumiu um papel fundamental nos grandes acontecimentos nacionais, ao serviço de Portugal e dos portugueses.**



Saiba mais

Contribuir para que Portugal use o mar



02	700 anos a servir Portugal no Mar
04	Das Póvoas Marítimas para o mundo: Vila do Conde e Póvoa de Varzim
06	A cidade de Vila do Conde
07	A cidade de Póvoa de Varzim
08	Dia da Marinha
13	Discurso do Ministro da Defesa Nacional
16	Os concertos
20	Fuzos, Prontos...
22	Açores
23	Madeira
24	Norte
25	Sul
26	Instituto Hidrográfico
27	Vi(r)ver o Mar / Prémios da Revista da Armada
28	Academia de Marinha
29	Livro
30	CNOCA
32	Clube de Praças da Armada
33	Medalha comemorativa
34	Núcleo de Radioamadores da Armada / Vikings – Guerreiros do Mar
35	Mensagem do Almirante CEMA e AMN
CC	<i>Talant de Bien Faire</i>



Dia da Marinha



Capa

Inauguração de monumento nas Caxinas
Foto SAJ FZ Horta Pereira

Págs. 3 e 35

Fotos SMOR L Almeida de Carvalho

Revista da
ARMADA

Publicação Oficial da Marinha
Periodicidade mensal
Nº 519 / Ano XLVI
Junho 2017

Revista anotada na ERC
Depósito Legal nº 55737/92
ISSN 0870-9343

Diretor
CALM EMQ João Leonardo Valente dos Santos

Chefe de Redação
CMG Joaquim Manuel de S. Vaz Ferreira

Redatora
1TEN TSN-COM Ana Alexandra G. de Brito

Secretário de Redação
SMOR L Mário Jorge Almeida de Carvalho

Desenho Gráfico
ASS TEC DES Aida Cristina M.P. Faria

Administração, Redação e Publicidade
Revista da Armada – Edifício das Instalações
Centrais da Marinha – Rua do Arsenal
1149-001 Lisboa – Portugal
Telef: 21 159 32 54

E-mail da Revista da Armada
revista.armada@marinha.pt
ra.sec@marinha.pt

Paginação eletrónica e produção
MX3 Artes Gráficas, Lda.
Parque Industrial Alto da Bela Vista
Pavilhão 50 - Sulim Park - 2735-340 Cacém

Tiragem média mensal: 4000 exemplares

Das póvoas marítimas para o mundo: **VILA DO CONDE E PÓVOA DE VARZIM**

O desejo de independência dos povos é um sentimento ancestral que tomamos como natural porque o sentimos intensamente, mas que merece alguma reflexão. Portugal é um dos países mais antigos da Europa, com fronteiras definidas e com uma vida independente praticamente ininterrupta, desde o século XII. Porquê?... A que se deveu este fenómeno que nos deu energia para resistir a diversas tentativas de anexar o espaço português?

Entendo que a vontade indomável de ser independente decorre de um carácter que se forja e apura numa maneira de viver distinta ditada pelas circunstâncias históricas e geográficas: outra maneira de trabalhar, outros gostos, outras formas de obter os bens necessários e, consequentemente, outros modelos de poder político. As línguas acabam por se distinguir ou não, mas a alma que se gera no quotidiano da vida diverge para uma cultura distinta que não aceita um poder estranho.

Em Portugal isso aconteceu ao longo dos séculos XI e XII, primeiro nos tempos dos condes portugalenses e, finalmente, com D. Afonso

Henriques, a quem reconhecemos esse carisma e energia que determinou a independência. Mas o rei morreu e o povo continuou, defendendo o seu espaço com unhas e dentes, contra as investidas estranhas. Porquê?... Porque moldou um carácter próprio, distinto dos seus vizinhos. E como é que isso aconteceu?... Aconteceu na relação com o oceano onde descobriu a sua riqueza e onde adquiriu condições próprias de vida, desde esse longínquo século XII. Um sentimento que se apurou até ao reinado de D. Dinis, cuja visão estratégica percebeu a importância de dominar o mar, criando um poder naval adequado, com uma marinha organizada. Uma maneira de ser e viver que se desenvolveu com o comércio marítimo a estender-se para o Atlântico, para o Índico e para todo o mundo.

Mas este percurso de oito séculos que levou Portugal ao mar, desenhou-se a si próprio na costa ocidental da Península Ibérica, ao ritmo das condições da guerra endémica em que viveram, desde o século VIII ao século XIV. A segurança por todos ansiada foi vindo com a reconquista e com o estabelecimento das fron-



teiras cada vez mais para o sul, levando a que aqueles que se refugiaram nas montanhas, vivendo de forma precária, arriscassem descer à planície fértil, que está sempre para o lado do mar. O mesmo mar que começa por trazer o pescado, depois o sal para o conservar e, mais tarde, o comércio e as vias de acesso ao mundo. Uma riqueza que cresce e que transforma a vida de quem se habitua progressivamente a lidar com os seus perigos.

E este processo emerge de forma mais ou menos rápida a partir desses tempos mais antigos, quando a costa vai ganhando também a segurança necessária para que se possa viver na foz dos rios ou nas pequenas angras abrigadas que permitem a faina do mar. Isso foi possível depois da conquista de Lisboa, em 1147, porque a conquista desse importante porto ocidental reduziu substancialmente o perigo das embarcações mouras na costa e deu aos portugueses as capacidades para serem os novos senhores desse mar ocidental.

A Marinha Portuguesa comemora este ano 700 anos de existência, enquanto estrutura organizada destinada a garantir o exercício do poder no espaço marítimo de interesse nacional. Devemos ao rei D. Dinis a visão estratégica de uma decisão, cuja lógica política decorre da compreensão do lugar do país no xadrez

européu. Tomou as medidas necessárias à organização do Poder Naval português, e todos sabemos a importância que isso teve nos séculos que se seguiram. Contudo, a possibilidade de o fazer decorreu do domínio do espaço marítimo ocidental e da criação e desenvolvimento de múltiplos portos e póvoas onde cresceu uma população marinheira. Foi nestas condições de segurança que nasceu a Póvoa de Varzim e Vila do Conde ganhou expressão significativa na foz do rio Ave. Cresceram pelo desenvolvimento da pesca ou do comércio; da capacidade de exportação de produtos do interior ou pela criação das suas próprias capacidades, como a construção naval e os apetrechos marítimos.

A ambas deve a Marinha Portuguesa e o país algumas das suas maiores glórias vividas no mar. Cada uma delas com as suas características próprias, vizinhas inseparáveis, que este ano acolheram a festa da nossa Marinha, merecem que delas fale de forma mais detalhada e em separado, como duas grandes senhoras do mar que são.



J. Semedo de Matos
CFR FZ

N.R. *O autor não adota o novo acordo ortográfico.*

Foto SMOR L Almeida de Carvalho





A CIDADE DE VILA DO CONDE

A mais antiga referência documental a Vila do Conde – na altura designada como Villa de Comite – é dada por uma carta de venda desta terra ao mosteiro de Guimarães, feita pela sua proprietária, Dona Flâmula Pais (ou Chamoá), no ano de 953. O topónimo sugere que fosse o senhorio de um conde (eventualmente um antepassado de Flâmula Pais), mas é muito difícil saber exactamente quem precedeu Dona Flâmula. É certo que há vestígios de povoamento desde o período romano, mas aquela região foi muito devassada e insegura durante as guerras da reconquista. Quando por ali passaram os navios da cruzada que ajudou Afonso Henriques na conquista de Lisboa, em 1147, não deram notícia de qualquer povoado junto à costa, nomeando apenas a existência do mosteiro de Santo Tirso, que fica muito para o interior.

Por perto de 1209, D. Sancho I fez doação dessas terras a Maria Pais, a quem chamavam a “Ribeirinha”, lavrando documento onde acrescenta “e a meus filhos que dela tenho”. Quatro gerações passadas e a jurisdição é herdada por Teresa Martins, que veio a casar com Afonso Sanches, o filho bastardo e preferido de D. Dinis. O senhorio foi muito acrescentado pelo rei e o casal decidiu ali implantar um convento de clarissas, que teve protecção do soberano. Alguns anos mais tarde, o convento de Santa Clara viria a herdar a jurisdição de Vila do Conde, de uma forma pouco clara, mas que permaneceu até ao século XVI.

A vila ganhou nessa altura um protagonismo bastante significativo, dado pela actividade pesqueira e extracção de sal mas, sobretudo, pelo facto de se encon-

trar sobre a rota comercial da Flandres. O senhorio eclesiástico, contudo, foi muito cobiçado e muitos pretendentes contestaram a jurisdição de Santa Clara, alegando a irregularidade como a herdara. As monjas, contudo, ganharam sempre os pleitos, e o convento só perdeu os seus direitos quando caiu na situação de incumprimento de uma dívida, que foi imediatamente aproveitado por D. João III. Com a intervenção régia foi adquirido pelo infante D. Duarte, pelo preço da própria dívida e muito abaixo do seu valor real. Economicamente representava algo como os rendimentos da alfândega, da barca de atravessamento do rio, da pesca do rio e do mar, exploração do sal, tributo sobre bens imobiliários, cobrança de portagens, etc. Um rendimento fabuloso que cresceu com condição de senhorio laico, sobretudo, no que ao mar e ao comércio marítimo diziam respeito.

São conhecidos os seus estaleiros, situados nas duas margens, onde trabalhavam oficiais mecânicos (calafates e carpinteiros da ribeira), depositários de grande saber, que levou a que fossem frequentemente requisitados pela coroa para as ribeiras de Lisboa e do Porto. Manuel Fernandes, mestre carpinteiro e autor do *Livro de Traças de Carpintaria* (referência da arquitectura naval do princípio do século XVII), era de Vila do Conde. Desde o reinado de D. Fernando que ali se produziam os chamados panos de tréu, conhecidos pela sua grande qualidade e usados no fabrico de velas. Nos séculos XVI e XVII, a produção teve o seu auge, funcionando de uma forma organizada, com investidores que adquiriam as matérias primas, distribuíam-nas pelos artesãos e recolhiam o produto final, que

era exportado pelo mar para Lisboa, para o Porto ou para a Índia.

Pela barra do rio Ave saíam navios ali construídos, saíam apetrechos marítimos, cordame, velame, sal, pescado e muitas outras mercadorias da região exportadas por via marítima. Esta actividade económica poderosa despertou a cobiça e obrigou a fazer obras de fortificação do porto e da costa, mas também atraiu investimento que gerou mais riqueza. No século XVII, o convento de Santa Clara, mesmo sem os benefícios de outros tempos, conseguiu mandar construir o grande aqueduto monumental. E, no século XVIII, quando a actividade marítima decaía, foi levantado o novo edifício, com a imponência e a majestade que domina toda a foz do Ave.

O século XIX trouxe a Vila do Conde uma vida nova, dada por uma certa aristocracia que ali encontrava o descanso de veraneio. Com ela veio, todavia, uma elite cultural de pintores, poetas e escritores que lhe emprestaram um novo ambiente e modelaram a sua personalidade. Destaco apenas o grande poeta José Régio, natural daquela vila, mas acrescento que ali viveu Antero de Quental, confessando que foram os momentos mais felizes da sua vida adulta. Dos tempos passados ficou-lhe a relação com o mar. O saber da construção naval em madeira, que ganha recentemente nova expressão e dinâmica. Ficou-lhe um sabor a maresia que se sente no ar, nas ruas, nas pessoas e, sobretudo, na gastronomia.



J. Semedo de Matos
CFR FZ

N.R. O autor não adota o novo acordo ortográfico.

Foto SMOR L Almeida de Carvalho



A CIDADE DE PÓVOA DE VARZIM



A Póvoa de Varzim não tem um estuário, onde possam entrar grandes navios que passavam a caminho dos portos do Norte da Europa ou do Mediterrâneo, de forma que a sua relação com o mar não beneficiou das riquezas do comércio internacional, como aconteceu com Vila do Conde. A cidade que hoje conhecemos assentou num vasto vale, onde corria um esteiro a desaguar na parte norte da baía que veio a ser a praia do peixe. Certamente que o esteiro se foi deixando assorear até se tornar um pântano, que acabou por secar, transformando-se num terreno agrícola, mais tarde ocupado pelo centro urbano da cidade actual. Pouco sabemos de qualquer povoamento remoto, para além de um ou outro vestígio romano, adivinhando, contudo, que se tornou ermo nos tempos da guerra de reconquista. O nome de Varzim sugeriu a alguns investigadores que se devia à várzea, em que se transformara o esteiro, mas o fundamento do topónimo parece ser outro. Diz-nos uma antiga referência haver ali uma vila de Euracino, mais tarde designada Verazini e depois Varazim. Seria o nome de um senhor local?... Não sabemos. Mas, em 1308, D. Dinis deu-lhe foral para que se fundasse uma vila a que se chamaria Póvoa, a Póvoa de Varzim. Por decisão do mesmo soberano a nova vila veio a pertencer a Afonso Sanches e, como aconteceu com Vila do Conde, uns anos mais tarde, caiu na alçada do Convento de Santa Clara. A Póvoa recebeu foral manuelino de leitura nova, em 1514, mas a tutela do convento só cessou em 1537, quando D. João III retirou o benefício a Santa Clara por causa da dívida já referida. Continuou a pagar ao

convento uma renda, mas garantiu a sua independência jurídica, construindo os paços do concelho por meados desse século.

A principal ocupação das gentes da Póvoa foi sempre a pesca e outras actividades ligadas ao mar, havendo vários níveis sociais de pescadores. Os mais pobres pescavam com pequenas embarcações, ajudados por um ou outro filho, enquanto os mais abastados tinham grandes embarcações de remo e vela que iam pescar para longe e colhiam melhores resultados. A costa, contudo, foi muito madrastra para os pescadores da Póvoa. Quando hoje por ali andamos, ao longo da marginal que segue pelas Caxinas até Vila do Conde, passando pelo porto de pesca e pela marina, percebemos que, antes da construção dos molhes, era apenas um pequeno abrigo contra as fúrias do oceano, de algum modo devassado quando vinham tempos de sudoeste e oeste. As embarcações saíam e entravam na praia, vencendo a rebentação à custa de remo, ou de astuciosa manobra da vela, e as dificuldades são tanto maiores e perigosas quanto os numerosos abrolhos que se vêem ao longo da costa, para norte e para sul.

Na Póvoa nasceram e viveram grandes homens que fizeram deste desafio com o mar a sua vida, esperando com coragem o dia em que ele lhes reclamaria o seu tributo. Figuras lendárias como José Rodrigues Maio, o “Cego do Maio”, que resgatou das águas dezenas e dezenas de naufragos. Quando o mar virava e andavam embarcações fora, era vê-lo a olhar o horizonte. Se alguém vinha em perigo, lá estava ele com o salva-vidas na água, conduzindo-o no meio dos agueiros a resgatar vidas. Dizia muitas vezes que, um dia, o mar o levaria, mas o

mar respeitou-o e fê-lo morrer em casa junto dos filhos. O rei D. Luís, reconhecendo-lhe o carácter e a coragem inusitada, condecorou-o com o grau de cavaleiro da Ordem Militar de Torre e Espada, Valor, Lealdade e Mérito.

Nem todos foram o Cego do Maio, mas não faltaram na Póvoa marinheiros que sulcaram todos os mares do globo. Era frequente encontrá-los, sobretudo, na pesca do alto, nos mares da Terra Nova, onde já andavam no século XVI e ali continuavam no tempo dos lugres da “Faina Maior”.

A pesca foi a actividade mais comum das gentes da Póvoa, mas as condições orográficas do litoral norte criaram um microclima ameno que atraiu um turismo de veraneio e lazer, que lhe trouxe prosperidade e alterou a sua estrutura social e urbana. Com a praia de banhos (a norte da baía da praia do peixe), veio o casino, a praça de touros e, sobretudo, uma vida cultural intensa, recheada pelas mais brilhantes figuras das letras nacionais. Camilo Castelo Branco visitava regularmente a Póvoa e ali conviveu com o pai de Eça de Queirós, que ali nasceu. O edifício Diana Bar, construído em 1938, junto à praia, que é hoje uma excelente biblioteca, foi em tempos local de encontro de artistas e escritores, frequentado por José Régio. A Póvoa foi elegante e requintada, cresceu culturalmente, atraiu riqueza e diversificou-se. Mas não perdeu o seu carácter de uma vila, que se fez cidade, olhando o mar de frente. Lembrar-lho-á sempre a figura imponente da estátua do “Cego do Maio”.


J. Semedo de Matos
CFR FZ

N.R. O autor não adota o novo acordo ortográfico.





Foto: ISAR, ETC, Parracho

A Marinha celebra anualmente a sua festa no dia 20 de Maio, recordando a data em que Vasco da Gama, no cumprimento da grande missão que lhe foi dada pelo rei D. Manuel, chegou a Calecute. Nesse dia 20, os navios alcançaram a costa indiana e estabeleceram os primeiros contactos com a população local, quando quatro embarcações vieram saber quem eram aqueles que assim chegavam. O desígnio de uma viagem com estas características, sulcando mares que nunca tinham visto, justifica o orgulho de quem continua a ostentar a bandeira portuguesa no mar, recordando um feito único que teve tanto de arrojo quanto de saber, capacidade técnica e perseverança.

Este ano, porém, as festividades tiveram presente outra comemoração tão cara quanto a viagem de Vasco da Gama: completam-se 700 anos sobre a criação da Marinha, enquanto força armada eficaz e organizada, no reinado de D. Dinis. E é importante recordar que a expansão marítima dos séculos XV e XVI, envolvendo toda a exploração do Atlântico, as viagens à Índia e até ao extremo Oriente, só foi possível graças a essa estrutura na-

val organizada e sustentada, criada a partir do dia 1 de Fevereiro de 1317, com o contrato que o rei assinou com Manuel Pessanha. Foi a visão estratégica do soberano, ao assinar tal contrato, que permitiu reunir os meios para dominar a rota comercial, que passava em frente da costa portuguesa, e criar condições para o Poder Naval que se afirmou um século depois.

Esta efeméride notável dominou, naturalmente, as festividades do *Dia da Marinha 2017*, dando uma força acrescida ao significado histórico que ele já tinha anteriormente. A escolha dos portos de Vila do Conde e da Póvoa de Varzim, para centro das comemorações deste ano, teve assim o condão de reforçar esta relação da Marinha com um passado anterior à expansão quinhentista e à viagem de Vasco da Gama.

O Dia da Marinha é (sempre o foi) uma festa popular, de forma que os portos e póvoas marítimas portuguesas serão sempre os locais dilectos para estas celebrações. É nestes locais que a Marinha encontra os seus parceiros mais chegados, nas gentes que continuam a viver e a trabalhar na faina do mar, “nos nossos



Foto: SAU FZ, Horta Pereira

irmãos pescadores” – na expressão do almirante CEMA e AMN, no seu discurso do dia 21 de Maio –, pessoas que compreendem a vida do mar e sabem o que é defrontar o oceano, expressando de forma mais intensa a sua solidariedade com os marinheiros. Gente que sabe do respeito devido ao mar e de uma coragem necessária, que não é feita de impetuosidade nem de loucura, mas de perseverança e inteligência.

Póvoa de Varzim e Vila do Conde constituem um exemplo deste espírito e de uma forma especial de vida, que existe na costa portuguesa desde os primórdios da nacionalidade. Por isso, a circunstância histórica de juntar as festividades do *Dia da Marinha 2017* com os *700 anos da criação da Marinha Portuguesa* assume um particular brilhantismo, quando a festa tem lugar numa região com uma tradição marítima tão próxima desse passado mais longínquo da nossa existência.

AS COMEMORAÇÕES

O *Dia da Marinha 2017* começou com a inauguração, no dia 14 de Maio, da exposição de actividades da Marinha, levada a cabo pelo Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional, acompanhado pelos presidentes das Câmaras de Vila do Conde e da Póvoa de Varzim. O certame dividiu-se por diversos locais dos dois concelhos, incluindo uma componente representativa das actividades operacionais da Marinha, uma parte de natureza cultural e um parque de demonstrações e actividades diversas. Os núcleos mais significativos das exposições estiveram no Teatro Municipal de Vila do Conde e no edifício da Alfândega Régia, onde está localizado o Museu da Construção Naval; no posto de turismo da Póvoa de Varzim esteve uma exposição de modelismo; e no Passeio Alegre desta vila esteve o parque e os meios onde foi possível experimentar um conjunto de práticas radicais relacionadas com a capacidade operacional da Marinha, algumas delas da responsabilidade do Comando do Corpo de Fuzileiros, que são abordadas noutro trabalho (ver “Fuzos, Prontos...”).

A semana de 13 a 21 de Maio foi uma semana de festa em Vila do Conde e Póvoa de Varzim, com actividades desportivas de diversa ordem, que mobilizaram a comunidade escolar e contaram com a participação da juventude local. Ainda durante este mesmo período, uma força naval visitou o porto de Leixões, per-



Foto SAJ FZ Horta Pereira

Inauguração de actividades ao ar livre

mitindo às populações a visita aos diferentes navios. O carácter inusitado da presença de tão grande número de unidades navais despertou grande curiosidade junto das pessoas do norte do país, e a iniciativa teve um sucesso enorme, concretizado em mais de 14 000 visitas, durante a semana.

Na quarta-feira, dia 17, no histórico edifício do Diana Bar, junto à praia de banhos da Póvoa, teve lugar uma conferência alusiva à comemoração dos 700 anos da Marinha Portuguesa, onde o CMG Costa Canas teve ocasião de recordar os factos de 1317, como as circunstâncias que motivaram o rei D. Dinis à assinatura do contrato com Manuel Pessanha e à criação da estrutura naval de então.

No sábado, dia 20 de Maio, o Almirante CEMA e AMN prestou uma especial homenagem às figuras do “Cego do Maio” e Elísio da Nova, dois heróis da Póvoa de Varzim ligados ao mar e à Marinha, bem como a todos os náufragos que, ao longo dos tempos, o mar roubou ao convívio dos vivos.

O “Cego do Maio” é a grande figura da Póvoa, pescador herói que arriscava a vida no meio dos abrolhos, resgatando vidas ao mar. Figura de que se orgulham todos os poveiros, que nos lembra a nós, marinheiros, a coragem e abnegação que preside à salvaguarda da vida humana no mar. Em sua memória existe um monumento em frente à praia, onde teve lugar uma pequena cerimónia, em que o CEMA e AMN colocou uma coroa de flores, em sinal de reconhecimento.

Elísio da Nova foi um marinheiro telegrafista da nossa Marinha, pertencente à malograda guarnição do NRP *Augusto de Castilho* que, em 1918, combateu um submarino alemão até à sua última munição. Perderam a vida nesse combate o comandante, CTEN

Monumento aos Náufragos



Foto SAJ FZ Horta Pereira

Monumento a Elísio da Nova



Foto 1SAR A Ferreira Dias



Foto SAJ FZ Horto Pereira

Carvalho Araújo, e muitos outros militares, entre os quais o marinheiro telegrafista Elísio da Nova, sepultado com o navio no mar, mas presente no seu posto até ao último tiro. A Póvoa de Varzim prestou-lhe atempada homenagem, dando o seu nome a um largo, onde está um monumento em sua memória. A Marinha homenageou agora este ilustre marinheiro, com uma singela cerimónia militar, onde foi recordado o seu acto heróico e colocada uma coroa de flores na base do monumento.

Recordando ainda todos aqueles que perderam a vida na faina do mar, da parte da tarde deste dia 20, teve lugar mais uma significativa cerimónia, com deposição de coroa de flores junto ao monumento “Memorial aos Náufragos”, que está perto do mercado das Caxinas.

O DIA 21 DE MAIO

Para que a festa possa ser partilhada por todos, nas ruas das cidades ou vilas onde a Marinha se desloca, é necessário que o auge das comemorações tenha lugar a um domingo, não perturbando o dia-a-dia das pessoas que têm o seu trabalho. Por isso as solenidades são, normalmente, deslocadas do dia 20 de Maio para o domingo mais próximo. E este ano isso aconteceu no dia 21, com uma cerimónia que privilegiou a zona das Caxinas, pertencente ao concelho de Vila do Conde, mas no exacto limite da fronteira administrativa que a separa da Póvoa de Varzim.

O dia começou com a celebração de uma missa de sufrágio pelos militares, militarizados e civis falecidos, que prestaram serviço na Marinha, a ter lugar na igreja paroquial das Caxinas ou de Nosso Senhor dos Navegantes, tradicionalmente conhecida pelo nome de Igreja do Barco, por causa do seu desenho arquitectónico. Presidiu à eucaristia o arcebispo de Braga, D. Jorge Ortega, auxiliado pelos capelães da Marinha José Ilídio Costa, Nazaré Domingos, Licínio Silva e Santos Oliveira. Estiveram presentes altas entidades civis e militares, sendo de salientar a comparência de um enorme número de populares que entenderam assistir ao acto litúrgico especial.

A CERIMÓNIA MILITAR

A cerimónia militar do *Dia da Marinha 2017* teve lugar na Av. Infante D. Henrique, em frente à praia, com uma manhã que corria soalheira e um ambiente agradável, a adivinhar o verão. Desde cedo que se juntou muita gente, mostrando bem o acolhimento e entusiasmo com que as populações da Póvoa e Vila do Conde vieram assistir e participar na festa dos marinheiros. Largas centenas de pessoas ocuparam todo o largo passeio, ao longo da avenida, que separava o local da formatura da praia, enchendo o largo da igreja e os espaços vizinhos.

Presidiu à solenidade o Ministro da Defesa Nacional, Doutor José Alberto Azeredo Lopes, estando presentes a Ministra do Mar, Eng^a Ana Paula Vitorino, a Presidente da Câmara de Vila do Conde, Dr.^a Maria Elisa de Carvalho Ferraz, e o Presidente da Câmara da Póvoa de Varzim, Eng^o Aires Henrique do Couto Pereira. De entre os convidados contam-se os representantes dos Chefes do Estado-Maior do Exército e da Força Aérea, os Almirantes Vieira Matias, Vidal Abreu, Melo Gomes, Saldanha Lopes e Macieira Fragoso, antigos Chefes do Estado-Maior da Armada, bem como outras entidades civis e militares da Marinha e da Autoridade Marítima Nacional.

As Forças em Parada, formadas ao longo da Avenida, com a praia em fundo, foram comandadas pelo CMG Fialho de Jesus. Constituíam-nas a Banda e Fanfara da Armada, comandada pelo CTEN Délio Gonçalves; um bloco de 15 estandartes representando unidades da Marinha e da Liga dos Combatentes, comandado pelo CTEN Oliveira Pereira e tendo como escolta um pelotão de cadetes da Escola Naval, comandado pelo 1TEN Rosado Gaspar; um bloco de 15 guiões; uma companhia de alunos da Escola Naval, a dois pelotões, comandada pelo 1TEN Moreira da Costa; uma companhia de militares pertencentes à Escola de Tecnologias Navais, comandada pelo 1TEN Nunes Esguedelhado; um batalhão, a duas companhias, comandado pelo CFR Albuquerque e Silva, formada por militares que prestam serviço em unidades navais e unidades em terra; e, finalmente, três batalhões de fuzileiros (ver “Fuzos, Prontos...”).



Foto SAU FZ Horta Pereira

Cerca das 11h00, aproximou-se da tribuna o Ministro da Defesa Nacional, recebido pelo Almirante CEMA e AMN, a quem foram prestadas as honras militares devidas. Passou revista às Forças em Parada e tomou o seu lugar na tribuna, dando-se início à cerimónia militar com a imposição de condecorações a militares, militarizados e civis que se distinguiram ao serviço da Marinha.

Terminada a imposição de condecorações, teve lugar um dos momentos mais emotivos da solenidade, com a homenagem aos militares, militarizados e civis da Marinha já falecidos. Nestas alturas não há quem não recorde um camarada ou um amigo, desaparecido recentemente ou há mais tempo, mas com quem foram partilhados momentos de alegria ou camaradagem, que hoje é saudade profunda. Tempos houve em que este momento era uma evocação de companheiros caídos em combate, despertando uma emotividade mais intensa. Felizmente não vivemos esses momentos no presente, mas a perda de camaradas e amigos traz sempre uma nostalgia que nos emociona. Recordá-los, contudo, é fazê-los reviver tal como os conhecemos, cumprindo o dever de não deixar que sejam esquecidos. O momento solene começou com o toque de silêncio, a que se seguiu o toque de homenagem convidativo a continência e recolhimento, concluindo com uma evocação levada a cabo pelo Capelão Ilídio Costa e o toque de alvorada.

Terminada a homenagem aos mortos, seguiu-se o discurso do Almirante CEMA e AMN. As suas primeiras palavras foram de agradecimento ao Ministro da Defesa Nacional pela forma como aceitou presidir à cerimónia do *Dia da Marinha 2017*. De igual modo agradeceu a comparência da Ministra do Mar, cuja presença assume uma particular relevância, enquanto sinal de uma cooperação estreita que beneficia o país. Dirigiu-se ainda aos presidentes das câmaras de Vila do Conde e Póvoa de Varzim, representantes de uma população que é hoje um símbolo

da verdadeira cultura marítima portuguesa, agradecendo o acolhimento caloroso com que receberam o evento mais solene da Marinha, na altura em que esta comemora 700 anos de existência. Uma história secular, em que a marinha da coroa de Portugal exerceu a defesa das costas e explorou os oceanos Atlântico e Índico, exercendo missões de soberania e projecção de forças até onde chegava o interesse nacional. Missões que, nos séculos XIX e XX, foram acrescentadas com a busca e salvamento, a investigação, a cultura e o apoio à autoridade marítima. E recordando esta nobre missão de salvar vidas no mar, lembrou algumas figuras nascidas em Vila do Conde e Póvoa de Varzim, verdadeiros “heróis do mar”, cuja coragem se revelou em centenas de acções de salvamento. Foram eles o “Cego do Maio”, o “Patrão Sérgio” ou o “Patrão Lagoa”, nomes que a história consagrou.

As palavras seguintes do Almirante Silva Ribeiro seriam para os militares e militarizados da Marinha. Evocando o passado histórico recordou como ele nos traz um conjunto de valores, experiências e ensinamentos que serão “bons conselheiros na prossecução do rumo traçado”, para servir Portugal no mar e delinear o futuro. E a Marinha tem-no feito com relevância – salientou o CEMA e AMN – e prova-o o reconhecimento externo da qualidade da nossa acção, expresso nas solicitações europeias e da NATO, para acções de dissuasão, defesa, e comando de forças navais. Revela-o ainda o êxito das missões realizadas no Golfo da Guiné, empenhando unidades navais, fuzileiros e mergulhadores, e a relevância das taxas de sucesso nas acções de busca e salvamento no mar, que temos vimos a realizar.

Projectando o futuro, a Marinha continuará a reger-se pelos valores da disciplina e da honra, fomentando o desempenho para superação das dificuldades do presente. O mote será dado pela motivação das pessoas e o aproveitamento dos meios disponíveis, procurando melhorar os recursos humanos e materiais.

A Marinha procurará, ainda, reforçar o dispositivo nas regiões autónomas, ao serviço das suas populações, e continuará a sua acção de consolidação do conhecimento no quadro das ciências do mar e da cultura marítima, como forma de melhorar as capacidades de aproveitamento dos recursos marinhos por parte dos portugueses.

Terminando, exortou a que, com as lições do passado, com os valores enunciados e as perspectivas observadas, com “os olhos abertos para o mundo e o coração em Portugal”, consigamos prosseguir o rumo traçado, como sempre fizemos ao longo dos últimos 700 anos e como é nossa obrigação de portugueses.

De seguida, usou da palavra o Ministro da Defesa Nacional. Começou por agradecer às Câmaras Municipais da Póvoa de Varzim e Vila do Conde, “que se associaram à Marinha Portuguesa”, nesta

celebração. “Em 2017, a Marinha comemora os 700 anos do seu nascimento” – adiantou o doutor Azeredo Lopes –, sendo certo que a experiência acumulada nesses sete séculos lhe garantem um estatuto de excelência e um lugar na construção do futuro de Portugal. Um futuro ligado ao mar que é, simultaneamente, fonte de riqueza e de poder, e um universo de oportunidades que é preciso continuar a trabalhar.

E continuou referindo a importância de garantir os direitos de soberania e



Foto SMOR L Almeida de Carvalho



jurisdição na plataforma continental, que queremos acrescentada, implicando a melhoria das capacidades de fiscalização, salvamento, combate aos tráficos ilícitos e à pirataria. Salientou a dimensão significativa das missões efectuadas no ano de 2016, com muitas milhas navegadas e 457 náufragos cujas vidas foram salvas.

O Ministro da Defesa prosseguiu, afirmando ser sua responsabilidade nesta legislatura prover a Marinha dos “recursos humanos e materiais necessários para que se mantenha equilibrada e apta a desenvolver a sua missão.” E, nesse sentido, adiantou estar em curso o processo de modernização de meios navais, a construção de novos navios de patrulha oceânica e a continuação da adaptação de patrulhas costeiras da classe *Tejo*. No que aos meios de salvamento marítimo diz respeito, salientou também o contrato para a construção, na Arsenal do Alfeite S.A., de duas embarcações salva vidas, que assegurarão o incremento da capacidade de salvamento marítimo, a par da dinamização de uma indústria portuguesa de construção naval.

Terminando, louvou “todas as mulheres e todos os homens, militares, militarizados e civis, que, com o seu trabalho, com o seu esforço e com o seu sacrifício, fazem da Marinha uma instituição reconhecida nacional e internacionalmente”. Com sete séculos de dever cumprido, são um instrumento da vocação e cultura marítima, mas também universalista a unir povos e culturas.

Terminado o discurso do Ministro da Defesa Nacional, seguiu-se o desfile das Forças em Parada, precedido de uma passagem de dois helicópteros Lynx, pertencentes às fragatas *Vasco da Gama* e *Bartolomeu Dias*. Fechou o desfile em continência de todas as forças o batalhão de fuzileiros operacional, em marcha acelerada, entoando o “grito do fuzileiro”.

Antes ainda do habitual desfile naval e do encerramento das solenidades, o *Dia da Marinha 2017* teve uma inovação significativa, que foi muito do agrado das populações que ali se juntaram para aplaudir os marinheiros. Primeiro foi a passagem das viaturas históricas da Marinha, algumas delas magníficas na sua beleza clássica, apesar da idade vetusta, quase lendas da actividade militar operacional ou administrativa. De referir, entre outras, o Mercedes 300SL AUTOMATIC, de 1962, que serviu ao Ministro da Marinha, o Dodge DC51, ou até o velho Jeep Willis, de 1961.

Mas atrás das viaturas históricas desfilaram ainda representantes das associações e clubes do pessoal da Armada (Clube Militar Naval, Clube do Sargento da Armada e Clube de Praças da Arma-

Actividades do Dia da Marinha 2017 - nº de visitantes

Baptismos de mergulho	343
Actividades Físicas	4253
Pólo de saúde (rastreios)	963
Posto avançado de socorrismo	3492
Esquadilha de Helicópteros	2735
Simulador de navegação	4235
<i>Air soft</i>	1326
Torre de escalada	1361
Recrutamento da Armada (divulgação)	1326
Autoridade Marítima Nacional	285
Baptismos de mar	9484

Nº de visitas aos navios

Visitas aos navios atracados em Leixões	14238
Visitas aos navios na Zona Marítima do Sul	54

da), da Liga de Combatentes, Associações de Marinheiros de vários locais do país, a delegação do Douro Litoral da Associação de Fuzileiros e várias dezenas de colectividades, grupos etnográficos e ranchos folclóricos, associações culturais, associações de apoio social e outras pertencentes ou ligadas aos concelhos da Póvoa de Varzim e Vila do Conde. Foi uma particularidade inovadora do *Dia da Marinha 2017* que teve o mérito de reforçar a relação estreita da Marinha com a comunidade local, convidando-a a estar presente e a participar de forma directa na sua própria celebração.

Encerrou a cerimónia militar o desfile naval, com os navios a navegar em duas colunas e as guarnições estendidas para prestar honras militares ao Ministro da Defesa Nacional. Adiante navegava o *Arpão*, seguido pelas fragatas *Bartolomeu Dias* e *Vasco da Gama*, o reabastecedor de esquadra *Bérrio*, a corveta *António Enes*, os navios-patrulha *Figueira da Foz* e *Tejo*, e a lancha de fiscalização costeira *Cassiopeia*. À parte da formatura, seguia o navio de treino de mar *Creoula*, com todo o pano envergado. No final do desfile naval os helicópteros Lynx voltaram a passar pela tribuna saudando o Ministro da Defesa Nacional, encerrando assim as comemorações do *Dia da Marinha 2017*.



J. Semedo de Matos
CFR FZ

N.R. O autor não adota o novo acordo ortográfico



Foto Rodrigues Morais



Fotos SAJ/FZ Horta Pereira



Discurso do Ministro da Defesa Nacional

Como Ministro da Defesa Nacional, saúdo todos quantos se associam a esta comemoração; e manifesto a minha grande satisfação em presidir a esta cerimónia, que encerra diversos e importantes significados.

Assinalamos hoje, com efeito, o dia da Marinha; porém, com mais precisão, hoje culmina uma semana de vários eventos – concertos, visitas a navios, programação cultural, que se espalhou por diferentes locais de Portugal, numa oportunidade (que me é muito cara e na qual tenho procurado insistir) de aproximação da Defesa e das Forças Armadas, no caso da Marinha, aos cidadãos.

Também por isso, e publicamente, não apenas como Ministro, mas também como cidadão, agradeço a todas as Câmaras Municipais que se associaram à Marinha Portuguesa, e em especial aos Senhores Presidentes da Câmara da Póvoa de Varzim e de Vila Conde, a colaboração e a contribuição inestimáveis para que estas celebrações de coesão fossem possíveis. É pelos portugue-

ses, é por Portugal que a Marinha e os seus dedicados marinheiros estão em permanente disponibilidade, 24 horas por dia, e por isso, a presença de todos, neste momento de celebração, só faz sentido. Bem-hajam!

No *Diário de Bordo da Caravela São Gabriel* de 8 de janeiro de 1499, escreveu Vasco da Gama: "Há exatamente três meses, estamos na viagem de retorno da Índia. [...] A 8 de julho de 1497 partimos para a descoberta de um caminho marítimo para as Índias. Não nos rastros de Colombo e, sim, nos nossos próprios".

Há praticamente 520 anos, portanto, Vasco da Gama saía de Portugal rumo à Índia. A chegada ao destino, a Calecute, aconteceu no dia 20 de maio de 1498, há exatamente 519 anos. Celebramos hoje essa data, marcante, evidentemente, na vida de Vasco da Gama e de todos aqueles que o acompanharam, mas marcante sobretudo para Portugal e para o mundo, enquanto modelo de relacionamento entre povos e de organização económica e social que os portugueses tornariam universais.



Fotos SAJ FZ Horta Pereira

Em 2017, a Marinha comemora os 700 anos do seu nascimento, que resultou da assinatura do contrato de vassalagem celebrado entre o rei D. Dinis e Manuel Pessanha. Começou assim, digamos que simbolicamente, a gesta da Marinha Portuguesa, que, ao longo de sete séculos, tem sido uma instituição ativa na história de Portugal, com inúmeras e distintas intervenções que marcaram o destino do nosso país.

A experiência, o saber e a honra que a Armada Portuguesa acumulou ao longo destes 700 anos garantem à Marinha Portuguesa um estatuto próprio de excelência e atribuem-lhe uma função decisiva na construção de Portugal, cujo futuro, como acontece hoje e como aconteceu no passado, continuará ligado ao mar.

O mar, com efeito, cruza-se com a História de Portugal. Fonte de riqueza e de poder. O mar é um universo de oportunidades para o nosso país, e por isso temos de continuar a trabalhar, de modo coerente e integrado, para manter e aumentar o seu valor em diversos domínios, transversais todos à ação política: na economia, na ciência, na sociedade, na cultura, no ambiente e, naturalmente, na segurança e na defesa, condição necessária a todos os outros anteriormente referidos.

A extraordinária dimensão do “Mar português”, na expressão e no poema memoráveis de Fernando Pessoa (na *Mensagem*), implica uma atuação constante e cuidada no mar, para garantirmos

o seu uso adequado; e significa também uma enorme responsabilidade na segurança, na preservação de recursos e na manutenção de meios de socorro costeiros e em alto mar.

Concretizo: a manutenção da soberania sobre as águas de jurisdição nacional e a garantia das condições para o exercício dos direitos de soberania sobre a plataforma continental (que queremos, é bem sabido, estender) dependem da preservação e melhoria das capacidades de fiscalização e vigilância, de salvamento marítimo e de combate quer aos tráficos ilícitos (de vidas humanas, de droga e de armas), quer à pirataria.

É fundamental estarmos preparados nas águas deste “Mar português”; é imperativo sermos capazes de responder globalmente no quadro das nossas alianças a estes flagelos, que constituem uma nova e muito séria ameaça a nível europeu, mas também a nível global.

É esta, nesta legislatura, uma das grandes responsabilidades da Defesa Nacional: contribuir para a capacitação da Marinha com os recursos humanos e materiais necessários para que se mantenha equilibrada e apta a desenvolver a sua missão, que é, dito muito simplesmente, garantir que o nosso país utilize o mar, na medida justa e sustentável do interesse nacional.

É precisamente neste sentido que entendo como significativo registar a pronta atividade operacional desenvolvida pela *nossa*



Marinha. Durante o ano de 2016: mais de 5 000 dias de missão cumpridos; mais de 40 000 horas de navegação realizadas, mais de 300 000 milhas náuticas percorridas, suficientes para dar 15 voltas ao mundo; ou, não menos importante, as 457 vidas salvas nas missões de busca e salvamento.

As incumbências e as responsabilidades da Marinha são inúmeras e vastas. Ainda assim, não posso deixar de salientar o virtuoso entrosamento entre a Marinha e a Autoridade Marítima Nacional, tanto no apoio logístico como no apoio funcional que é um capital organizacional de valor inestimável para a proficiência do exercício da Autoridade do Estado no mar.

Deixem-me agora que fale, muito brevemente, na questão dos recursos materiais. Os recursos materiais necessários ao cumprimento da missão da Marinha, sendo certo que a Lei de Programação Militar (LPM) não é, só por si, o garante da operacionalidade dos meios necessários ao cumprimento da missão da Marinha; mas é, e continua a ser, o principal instrumento financeiro destinado a concretizar o reequipamento e a modernização da Esquadra. Este ano, em linha com o ano transacto, a dotação da LPM é reforçada em 20 milhões de euros da componente financiada por receitas gerais e isenta de cativações.

Neste sentido, iniciou-se quer o processo da modernização dos helicópteros da Marinha, quer a modernização de meia vida das fragatas da classe *Bartolomeu Dias*. Está igualmente em curso a construção de dois navios de patrulha oceânica (que se perspectiva serem aumentados ao efetivo da Esquadra em 2018) e a adaptação dos navios de patrulha costeiros da classe Tejo, já com duas unidades a operar, para atenuar os problemas resultantes da idade que começa a ser propecta – não tenho medo em reconhecê-lo –, de muitas das unidades navais. É pouco? É aquilo, meus senhores e minhas senhoras, que é hoje possível.

Destaco, igualmente, a assinatura do contrato de construção de duas embarcações salva-vidas da classe Vigilante Modificada, contrato que envolve a Marinha e a Arsenal do Alfeite, entidades tuteladas, ambas, pelo Ministro da Defesa Nacional. Desta forma, asseguramos, em simultâneo, um ganho substancial em matéria de salvamento marítimo, socorro e assistência, a pessoas, navios e embarcações em perigo, e uma dinamização da indústria portuguesa de construção naval.

Referiro-me também e em plano de destaque, às nossas Forças Nacionais Destacadas, que, este ano, felizmente, beneficiam

de um aumento orçamental, embora ligeiro, manterão, sem dúvida, na sua geografia de aplicação e na sua ação, a qualidade acima da norma a que já nos habituaram.

É de valor incalculável o esforço das nossas Forças Nacionais Destacadas, no âmbito estratégico de alianças nas Nações Unidas, na União Europeia, na NATO, na CPLP, na OSCE, e, concretamente, na promoção dos interesses de Portugal e da sua contribuição para a paz e segurança globais.

Seria injusto, se não sublinhasse a importância de que se reveste, neste plano, a cooperação na área da segurança marítima com os nossos países irmãos de Língua Portuguesa. Devo-vos dizer, que nos encontros que tenho tido com os meus congéneres de distintos países da CPLP é-me muito grato verificar como neste domínio, e em relação à Marinha, são reconhecidos a Portugal e à Marinha Portuguesa competência e capacidade exemplares.

A credibilidade das nossas Forças Nacionais Destacadas, que refletem o nível tecnológico e de preparação das Forças Armadas Portuguesas, orgulha-nos e reforça a nossa política externa, em cuja dinamização estamos fortemente empenhados.

A criatividade e a capacidade de adaptação da Marinha ajudar-nos-ão com certeza a olhar para o futuro com uma vontade inquebrantável de enfrentar e de ultrapassar os desafios que se nos apresentam. “Quem quer passar além do Bojador/ Tem que passar além da dor”, escreveu Fernando Pessoa (*no poema “Mar português”, o X da segunda parte, também denominada “Mar português”, da Mensagem*).

Minhas senhoras e meus senhores, a Marinha, com o seu exemplo, tem promovido a mobilização da sociedade civil em torno dos desafios que o mar nos coloca no século XXI. Por isso, mesmo antes de terminar esta minha intervenção, saúdo vivamente e louvo todas as mulheres e todos os homens, militares, militarizados e civis, que, com o seu trabalho, com o seu esforço e com o seu sacrifício, fazem da Marinha uma instituição reconhecida nacional e internacionalmente; uma instituição que, com séculos de dever cumprido, muito tem contribuído para que Portugal seja realmente não apenas um país com vocação e cultura marítimas, mas, de igual sorte, com uma vocação universalista de abertura de caminhos e de união entre povos e culturas.

Muito obrigado.



Foto SAU FZ Horta Pereira

OS CONCERTOS



Fotos CAB A. Evans de Pinho



Os concertos da Banda da Armada são sempre um dos elementos mais importantes das comemorações do Dia da Marinha, e tiveram, em 2017, uma diversidade que foi além do que tem sido habitual. Para além das habituais exibições de rua, fomentando o contacto directo com as populações e utilizando principalmente instrumentos de sopro, que se desenvolveram não só pelas cidades de Póvoa de Varzim e Vila do Conde mas também na Ribeira do Porto, este ano foram realizados cinco concertos, em Lisboa, na Póvoa de Varzim e em Vila do Conde, diversificando os programas, conforme as próprias circunstâncias de cada espectáculo.

O primeiro foi o “Concerto de Gala”, que teve lugar no dia 15 de Maio, no Pavilhão das Galeotas, em Lisboa. Seguiu-se, logo no dia 16, no mesmo local, um Concerto Solidário, organizado com o apoio do *Rotary Club Lisboa Internacional*, cuja receita tinha como objectivo a criação de bolsas de estudo destinadas às comunidades piscatórias da Póvoa de Varzim e Vila do Conde. Os dois espectáculos foram semelhantes no seu programa, contando o primeiro com a participação de Mafalda Arnauth, que não pôde estar presente no espectáculo do dia seguinte.

Nos dias 18 e 19 de Maio, tiveram lugar dois espectáculos realizados, o primeiro no anfiteatro da lota, da Póvoa de Varzim, e o segundo no largo em frente à nau quinhentista, em Vila do Conde. Foram realizados ao ar livre, em duas noites muito agradáveis, a convidar as pessoas a desfrutar de um espectáculo



Foto SAJ FZ Horta Pereira



Foto ISAR A Ferreira Dias

musical diferente. Em qualquer dos locais estiveram mais de um milhar de pessoas que não regatearam aplausos, expressando o agrado que sentiram com os concertos. Os programas definidos foram iguais nos dois dias, mas a Banda não deixou de prestar a sua homenagem especial a cada uma das comunidades, na escolha da peça extraprograma que apresentou. Na Póvoa de Varzim, terminou a exibição com a rapsódia “Cantares Poveiros” e em Vila do Conde fechou com a popular “Canção das Rendilheiras”.

O *Concerto do Dia da Marinha 2017* realizar-se-ia no sábado, dia 20, no Teatro Municipal de Vila do Conde, pelas 21h30. Estiveram presentes o almirante Chefe do Estado-Maior da Armada, acompanhado pela Presidente da Câmara de Vila do Conde e pelo Presidente da Câmara da Póvoa de Varzim, bem como numerosos convidados, figuras ligadas às duas autarquias e à sua vida cultural, bem como outras entidades civis e militares.

O programa foi igual ao que tinha sido apresentado no “Concerto de Gala”, do dia 15, correspondendo a um critério artístico muito equilibrado, a começar com a “Abertura Festiva” de Dmitri Shostakovich, com um arranjo de Jorge Salgueiro. Seguir-se-ia o que me pareceu ser o momento alto da primeira parte, com a actuação ao piano de Lara Lopes, da nossa Banda da Armada. A escolha recaiu na peça de Edward Gregson, “Concerto para piano e sopros”, que me pareceu desenhada especialmente para este tipo de espectáculos, com os tradicionais três andamentos, em que o compositor pretendeu prestar uma homenagem aos grandes compositores que preencheram a sua juventude musical: Stravinsky, Bella Bartok, Rachmaninov e Poulenc. Leve, sem ser simples, de uma suavidade deliciosa, que nos vai abrindo o sorriso, à medida que caminhamos os diálogos sucessivos do piano com a flauta, com o oboé, com o saxofone, clarinete, etc. Estão de parabéns a Banda e a nossa solista 1MAR Lara Lopes. Fechou

Fotos CAB A. Evans de Pinho



a primeira parte a conhecida “Cavalcada das Valquírias”, da ópera “A Valquíria”, de Richard Wagner.

Abriu a segunda parte com “El Jardin de las Hespérides”, de Jose Oriola, a que se seguiu a actuação de Mafalda Arnauth. As qualidades desta cantora portuguesa dispensariam grandes comentários, pois a sua qualidade é bem conhecida de um público nacional e internacional, com os mais prestigiados prémios musicais e vários álbuns editados com grande êxito. Cantou com a nossa Banda a “Pomba Branca”, popularizada, em tempos, pelo saudoso Max, “O teu Poema”, de Vasco Lima Couto, “O mar fala de ti”, de Tiago Torres da Silva, e “Lusitana” de Fausto Bordalo Dias e Vasco Lima Couto. O público aplaudiu com o entusiasmo que era esperado e a Mafalda deu-nos ainda um extraprograma com “A Rosinha dos Limões/Marujo Português”, de Artur Joaquim de Almeida Ribeiro.

A Banda da Armada ainda ensaiou o seu próprio extraprograma, de novo com a popular “Canção das Rendilheiras”, trauteada pela assistência. Como sempre acontece, fechou o concerto a “Marcha dos Marinheiros”, aplaudida e cantada por todo o público em pé.





Fotos
1 SAR ETC Parracho
CAB A Evans de Pinho
SAJ FZ Horta Pereira



FUZOS, PRONTOS... DO MAR, P'RA TERRA... DESEMBARCAR, AO ASSALTO... DESEMBARCAR, AO ASSALTO!!!



Foto SAJ FZ Horta Pereira

Foi deste modo que se encerrou o desfile das Forças em Parada na cerimónia militar do Dia da Marinha 2017 (DM17)... em marcha acelerada e entoando o grito dos Fuzileiros, em frente à Tribuna, o Batalhão de Fuzileiros nº 2, sob o comando do CFR FZ Fernandes Fonseca, prestou as honras às entidades presentes e seguiu na esteira das restantes unidades, em marcha ordinária, até à Docapesca da Póvoa de Varzim, onde as forças viriam a desatrar.

As cerimónias do DM17 contaram com uma participação muito significativa de militares do Corpo de Fuzileiros nos vários eventos, registando-se o envolvimento de 347 operacionais, provenientes dos respetivos Departamentos, das Unidades e Forças de Fuzileiros.

Divididos pelas já habituais iniciativas que incorporam as comemorações do DM, a participação dos Fuzileiros, este ano, teve início com as atividades ao ar livre no Passeio Alegre, junto ao Grande Hotel da Póvoa, sob a coordenação do 1SAR FZ Gonçalves Correia. A montagem do dispositivo iniciou-se a partir de 11 de maio e, dois dias depois, abriram-se as portas ao público com uma afluência bastante assinalável, bem refletida no registo do número diário de visitantes. O Corpo de Fuzileiros aproveitou esta oportunidade para levar a uma “terra de gente do mar” alguns dos seus meios e equipamentos de projeção e de

desembarque, onde a moto 4x4 usada pelas equipas de reconhecimento e *snipers*, se colocou junto do mítico Bote Zebro III, da robusta LARC e da surpreendente Lancha de Assalto Rápida, esta última destinada às abordagens em alto mar e ao assalto a navios suspeitos. A exposição estendeu-se, ainda, à área do armamento e equipamento individual em uso no Corpo de Fuzileiros e aos respetivos optrónicos, incluindo os sistemas de armas utilizados na luta anticarro como o míssil MILAN, o lança granadas automático HK GMG de 40 mm e o canhão sem recuo CARL GUSTAV, montadas nas respetivas viaturas táticas. No mesmo recinto foi igualmente montada uma torre de escalada e uma a tenda *air-soft* para permitir que os visitantes pudessem experimentar atividades de natureza mais radical, que constituem parte do treino operacional dos Fuzileiros. Após garantidas algumas condições e medidas de segurança específicas, com a aquisição de arneses para crianças, esta atração da escalada passou (este ano) a estar também disponível para os mais jovens, estimulando a sua coragem, a determinação e um melhor conhecimento dos seus limites, valores e características, que nos Fuzileiros se desenvolvem desde a formação ao treino, sendo imprescindíveis para o cumprimento das suas missões.

Para além de várias infraestruturas que foram deslocadas para o local (nomeadamente, tendas de campanha com gerado-

res e equipamentos de ar condicionado) disponibilizados pelo CF para a exposição de simuladores e equipamentos de outras Unidades da Marinha, as atividades incluíram também o Posto Avançado de Saúde que foi reforçado por militares do Corpo de Fuzileiros em apoio à Direção de Saúde, expondo e simulando o funcionamento de um “hospital” de campanha, em paralelo com a divulgação da medicina naval. Além da atividade expositiva e divulgação da medicina na sua vertente operacional, os militares colaboraram em atividades de rastreio médico de medição e aconselhamento de hábitos de vida saudável. As atividades terminaram no final de 21 de maio, seguindo-se a desmontagem e o regresso ao Alfeite tendo, entretanto, alguns dos meios permanecido no Comando de Zona Marítima do Norte, para exposição na Avenida dos Aliados, no Porto, no período de 7 a 11 de junho próximo, no âmbito das comemorações do Dia de Portugal 2017.

Outra das atividades que decorreu simultaneamente com as atividades ao ar livre foram os batismos de mar, cuja participação se centrou nos passeios em ambiente ribeirinho entre a ponte rodoviária de Vila do Conde e a foz do rio Ave. Sob a responsabilidade do SAJ FZ Paiva Faria, esta atividade contou com a visita programada de várias escolas e grupos organizados, bem como de muitos cidadãos anónimos, registando a maior participação (6100 visitas) de entre todas as atividades conduzidas no DM17, sendo assim um ótimo cartão-de-visita da Marinha nesta segunda cidade que acolheu as comemorações. As LARC, meios anfíbios empregues nestas viagens, despertaram (como vem sendo habitual) uma elevada curiosidade por parte da população, sobretudo pela sua capacidade de navegação dentro de água e, adicionalmente, a circulação em terra.

A montagem e desmontagem da tribuna teve também o contributo de militares do CF que, mais uma vez, “*arregando as mangas, puseram mãos à obra*” e garantiram que no último dia das comemorações, o dispositivo estava preparado condignamente para acolher a cerimónia militar. Antes, porém, e enquanto se ultimavam os preparativos para esse grande evento, decorreram no sábado, dia 20 de maio, três cerimónias de deposição de coroas de flores, em locais e monumentos das duas cidades anfitriãs, onde a participação das Secções de Fuzileiros e do Terno de Clarins foram essenciais.

O programa de eventos para o último dia das comemorações do DM iniciou-se com a cerimónia religiosa na Igreja de N. Sr. dos



Foto ISAR A. Ferreira Dias

Navegantes, com um dispositivo protocolar com alas de cortesia à entrada dos convidados e, novamente, a participação de um Terno de Clarins para a realização dos toques de Homenagem aos Mortos. Seguiu-se a cerimónia militar, atividade que mais recursos humanos dos Fuzileiros envolveu, este ano integrando três Batalhões de Fuzileiros mais os porta-Estandartes Nacionais e porta-Guiões das Unidades, a requinta e Fanfarra, bem como uma série de apoios, como os assessores do comandante para os movimentos de ordem unida, o dispositivo protocolar para a cerimónia de imposição de condecorações e a materialização dos pontos de continência, entre outros.

A primeira Força a desfilar foi o Batalhão configurado para ações de protocolo e cerimonial, comandado pelo CFR FZ Lopes Carrilho, constituído a duas Companhias: uma, formada pelos Departamentos do CF e outra pela Unidade de Meios de Desembarque, do Batalhão de Fuzileiros nº 1. Embora este tipo de atividade cerimonial seja organicamente uma missão atribuída à Unidade de Polícia Naval, a realidade recente mostra-nos que fruto do seu intenso empenhamento em outras atividades de proteção de força, escoltas e rondas, elas têm sido asseguradas pelas diversas Unidades de Fuzileiros, numa clara evidência de sinergias e sentido de missão.

Mas a grande novidade da cerimónia militar, este ano, consistiu na integração de um Batalhão de Fuzileiros pronto para combate, representando as três capacidades operacionais que o CF gera e apronta: **operações especiais**, **proteção de força** e **projeção de força**. Comandado pelo CFR FZ Martins de Brito, este Batalhão formou com: um grupo de combate do Destacamento de Ações Especiais, configurado para missões de ação direta e reconhecimento especial, em uniforme *multicam*; o Pelotão de Abordagem equipado para ações de vistoria e abordagens a navios, com o seu uniforme negro e equipamento apropriado; e a Força de Fuzileiros nº 1 que este ano iniciou o seu ciclo operacional de aprontamento e certificação, apresentando-se equipado para a condução de uma operação anfíbia de dimensão reduzida, tipo “incurso anfíbia”.

Finalmente, e conforme já referenciado atrás, o BF2 encerrou o desfile com a FF22 (este ano atribuída à Força de Reação Imediata) e a FF23 (atribuída ao Conjunto Modular de Forças), revelando a flexibilidade, a determinação e a prontidão que a Marinha pode esperar do seu Corpo de Fuzileiros.

A Pátria honrai que a Pátria vos contempla!

Colaboração do **COMANDO DO CORPO DE FUZILEIROS**



Foto SAJ FZ Horta Pereira



AÇORES

O Comando da Zona Marítima dos Açores (CZMA) promoveu, uma vez mais com o apoio da Autoridade Marítima, um conjunto de iniciativas destinadas a assinalar o Dia da Marinha nos Açores.

No dia 20 de maio tiveram lugar as cerimónias oficiais com a realização de uma missa de sufrágio pelos militares da Marinha já falecidos, na Igreja de São José, presidida pelo Padre Duarte Melo.

De seguida, realizou-se a cerimónia de homenagem aos marinheiros mortos em combate, com deposição de uma coroa de flores no monumento que evoca os atos heroicos do Comandante Carvalho Araújo e da guarnição do NRP *Augusto Castilho*. Esta cerimónia foi presidida pelo Representante da República para a Região Autónoma dos Açores, Embaixador Pedro Alves Catarino. As cerimónias militares contaram com a presença de altas indi-

Para assinalar as comemorações foram também programadas em Ponta Delgada, no período compreendido entre 12 e 22 de maio, atividades diversas de divulgação e também culturais, nomeadamente, a abertura do NRP *Jacinto Cândido* a visitas nas Portas do Mar; uma exposição sobre a história dos submarinos portugueses; ensino de nós de arte de marreiro, exposição de elementos materiais de faróis e farolins e uma exposição de fotografia, sobre a Marinha e a Autoridade Marítima, do Comandante Paulo Rafael e do Agente de 1ª CL da Polícia Marítima Isidro Vieira, no centro comercial SOLMAR, inaugurada pelo Embaixador Pedro Catarino no dia 20 de Maio. Realizaram-se ainda em Ponta Delgada, batismos de mar e batismos de mergulho, com apoio da Autoridade Marítima, através da Capitania de Ponta Delgada e do Comando-Geral da Polícia Marítima (mergulhadores forenses), bem como abertura dos faróis a visitas na ilha



vidualidades militares e civis e foram acompanhadas por muitos populares, facto que traduz o apreço com que os açorianos acolhem a Marinha.

Embora as principais cerimónias estivessem centradas em Ponta Delgada, houve forte preocupação em levar a Marinha às localidades fora do concelho de Ponta Delgada, com especial enfoque na população escolar do 3º ciclo e do secundário. Assim, no período compreendido entre o dia 20 de março e 11 de maio, realizou-se um ciclo de exposições sobre a Marinha e a Autoridade Marítima Nacional. No final de cada exposição foi efetuada uma apresentação destinada a divulgar a ação da Marinha junto da população escolar nas escolas Antero Quental, Domingos Rebelo, Laranjeiras, Colégio do Castanheiro e Escolas Básicas de Capelas e Ginetes. Estas ações tiveram grande aceitação por parte dos alunos, professores e diretores das escolas, estimando-se que tenham assistido às apresentações cerca de 800 alunos.

de São Miguel, nomeadamente os faróis da Ferraria, do Arnel, da Ponta do Cintrão e da Ponta da Garça. Na ilha de São Jorge esteve aberto a visitas o farol do Topo, no Pico o farol da Ponta da Ilha e na ilha das Flores os faróis da Ponta das Lajes e do Albarnaz. Na ilha Terceira esteve aberto a visitas o farol das Contendas e na ilha Graciosa os faróis da Ponta da Barca e do Carapanho.

Ocorreram também no Parque Atlântico e no Centro Natália Correia da CM de Ponta Delgada exposições temáticas sobre a Marinha e sobre “os Açores, o Mar e a Marinha”, respetivamente, ambas inauguradas pelo Presidente da CM de Ponta Delgada, Dr. José Bolieiro. Foi ainda inaugurado um roteiro no Museu Carlos Machado sobre a “A Marinha e o Mar”, pelo Diretor Regional da Cultura, Arquiteto Nuno Lopes. Neste roteiro foi possível ao museu apresentar, através de um percurso visual, um argumento narrativo de peças que transportam os visitantes para diálogos com o Mar, com a Marinha e com os Açorianos. Esta associação



de Ponta Delgada e com o Clube Naval de Rabo de Peixe, organizaram as Regatas Comemorativas do Dia da Marinha, constituídas por provas de vela ligeira (OPTIMIST, 420, LASER e WINDSURF) e provas de canoagem, respetivamente. São ainda de relevar as manifestações desportivas de vela ligeira, regatas de vela de cruzeiro e canoagem realizadas no Faial, com a colaboração do Clube Naval da Horta, e as provas de vela e de canoagem realizadas na ilha Terceira, na baía de Angra do Heroísmo, com o apoio do Clube Naval de Angra, do Clube Naval de Praia da Vitória e do Angra Iate Club. Realizaram-se ainda atividades desportivas e lúdicas com jovens em Santa Maria.

do Museu Carlos Machado, principal museu de São Miguel, ao Dia da Marinha nos Açores ocorreu para assinalar também os 700 anos da Marinha, e homenagear todos aqueles que servem o nosso país no mar, fazendo perceber o fundamental significado que o mar sempre teve e continuará a ter para Portugal.

No âmbito desportivo, nos dias 13 e 14 maio, o Comando da Zona Marítima dos Açores, em colaboração com o Clube Naval

Estas comemorações contaram com a inestimável colaboração de inúmeras entidades públicas e privadas e com o empenho de todo o pessoal militar, militarizado e civil que presta serviço na Região Autónoma dos Açores.

Colaboração do **COMANDO DA ZONA MARÍTIMA** / **DEPARTAMENTO MARÍTIMO DOS AÇORES**

MADEIRA

O programa das comemorações do Dia da Marinha na Região Autónoma da Madeira incluiu um conjunto alargado de atividades realizadas entre os dias 14 e 22 de maio.

Os dias 14 e 21 de maio foram dedicados, em parte, à realização de provas desportivas náuticas, nomeadamente provas de canoagem, vela de cruzeiro, vela ligeira, *Stand Up Paddle* e pesca desportiva, organizadas com o apoio da comunidade náutica, em particular a Associação Regional de Vela da Madeira, Clube Naval do Funchal, Centro de Treino Mar, Associação Regional de Canoagem da Madeira, Associação de Pesca Desportiva da Região



Autónoma da Madeira, contando com a participação de cerca de 200 participantes. A cerimónia de entrega de prémios teve lugar no dia 20 de maio entre as 18h30 e as 20h30, na Estação Salva-Vidas do Funchal, tendo estado presente o Chefe da Divisão de Apoio à Atividade Desportiva, Dr. Miguel Castro, em representação do Diretor Regional da Juventude e Desporto.

Também, no dia 20 de maio, esteve agendada a tradicional cerimónia de homenagem aos homens e mulheres falecidos no mar, com o lançamento de uma coroa de flores na Baía do Funchal, estando convidados o Representante da República para a Região Autónoma da Madeira, o presidente da Assembleia Legislativa da Madeira, o presidente do Governo Regional da Madeira, entre outras altas entidades; contudo, por motivos operacionais

imperativos, a cerimónia foi cancelada, com empenhamento do NRP *Zaire* noutra missão.

Às comemorações do Dia da Marinha associaram-se também os Órgãos da Autoridade Marítima, através da realização de batismos de mar e apoio às provas náuticas, bem como na abertura diária a visitas dos faróis da Ponta do Pargo e de São Jorge.

Terminadas as celebrações do Dia da Marinha na Região Autónoma da Madeira, são merecedoras de um especial agradecimento todas as entidades, públicas e privadas, que se associaram às várias iniciativas levadas a efeito, proporcionando inúmeras oportunidades de contacto com a população e com o mar.

Colaboração do **COMANDO DA ZONA MARÍTIMA DA MADEIRA**



NORTE

Passados 8 anos sobre as últimas comemorações do Dia da Marinha na Zona Marítima do Norte, o Dia da Marinha volta ao norte do País. Num ano de particular efeméride destaca-se também o facto de pela primeira vez ser celebrado nas cidades da Póvoa de Varzim e Vila do Conde. Em 2009 o Dia da Marinha foi celebrado em Aveiro.

Ao longo destes dias foram desenvolvidas diversas atividades de índole cultural, desportiva, social, religiosa e militar, permitindo uma maior visibilidade da Marinha/AMN e maior participação das comunidades locais.

De seguida serão apresentadas as atividades desenvolvidas pelos diversos Órgãos Locais da Marinha/AMN, excluindo os eventos de caráter geral, ocorridos na Póvoa de Varzim e Vila do Conde (PV/VC), já abordados num outro artigo desta edição.

Em Viana do Castelo, na figura do Centro de Mar, a bordo do navio *Gil Eannes*, comemorou-se o Dia Europeu do Mar precisamente no dia 20 de maio, tendo-se desenvolvido uma série de iniciativas de que se destaca a presença do NRP *Tejo*, atracado no

por parte da população residente nesta zona do país. Entre 15 e 19 de maio o navio registou um total de 375 visitantes. À saída, o navio foi acompanhado por bastante população em terra e por inúmeras embarcações ao longo da Barra do porto de Aveiro.

Na área do CZMN, além de apoio logístico prestado às diversas atividades desenvolvidas na PV/VC, foi empenhada uma equipa de apoio médico/sanitário (1 enfermeira e 4 socorristas) para os dias 20 e 21 de maio. Refira-se ainda o apoio prestado no âmbito da presença de vários navios da marinha no porto de Leixões, entre 18 e 20 de maio.

O NRP *Rio Minho* também se associou às comemorações. Na sua primeira visita ao porto da Póvoa de Varzim, efetuou batismos de mar e abriu a visitas entre os dias 13 e 21 de maio. Foi com sentimento de missão cumprida que na manhã do dia 22 de maio rumou de volta a Vila Nova de Cerveira, acompanhado pelo NRP *Tejo*.

Na vertente da Autoridade Marítima, na área do ISN, foi assegurada a presença de uma embarcação e de um tripulante na



Foto: SMOR L. Almeida de Carvalho

cais comercial, aberto a visitas durante todo o dia. Foram ainda realizadas visitas à Estação Salva-vidas de Viana do Castelo e ao farol de Montedor, com grande satisfação da população vianense.

Em Leixões, no dia 20 de maio, foram realizados batismos de mar em 3 embarcações: UAM *Golfinho*, SR28 e *Douro II*. Em 27 de maio realizou-se a regata do Dia da Marinha 2017, integrada com a Regata do Infante, nas Classes *Optimist* e *Snipe*, numa parceria entre a Capitania do Porto de Leixões e o Sport Club do Porto.

Em Aveiro refira-se a presença do NTM *Creoula*, atracado entre 14 e 20 de maio, no cais-ponte nº 10 da Gafanha da Nazaré. Este local, de forte tradição marítima e estreita ligação ao navio, suscita sempre um elevado interesse e um excelente acolhimento

exposição estática e a disponibilização de uma embarcação para batismos de mar, entre 13 e 21 de maio, nos portos de PV/VC. Do Comando Regional da Polícia Marítima do Norte foram mobilizados diversos meios terrestres e aquáticos para guarnecer as Exposições em PV/VC. Foram ainda empenhados diversos Agentes em apoio às Exposições, na guarnição das 2 embarcações empenhadas nos batismos de mar e no reforço da ação de policiamento. Os faróis de Montedor e Leça também se associaram às comemorações abrindo ao público nos dias 13, 14, 20 e 21 de maio.

Refira-se ainda a assinatura de um protocolo de cooperação, celebrado entre a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim e o Ministério da Defesa Nacional, tendo em vista a qualificação do Farol de Regufe. O documento formaliza a concessão do edifício à



autarquia, de modo a que a sua preservação e remodelação sejam asseguradas. O Farol de Regufe, propriedade do Ministério da Defesa Nacional, é gerido pelo Grupo Recreativo de Regufe desde o ano 2000.

Terminadas as comemorações, são merecedoras de especial agradecimento todas as entidades públicas e privadas, unidades militares do Exército, Coletividades e Associações que apoiaram e se associaram às várias iniciativas levadas a efeito, destacando-se o elevado empenho demonstrado pelos municípios anfitriões. Foram várias as manifestações de afeto e de homenagem à Marinha/AMN registadas um pouco por toda a região. Refira-se a forte adesão das comunidades locais às diversas iniciativas desenvolvidas, o que constitui um claro indicador da sua forte ligação à Marinha/AMN e ao mar.

Colaboração do **COMANDO DA ZONA MARÍTIMA/**
/DEPARTAMENTO MARÍTIMO DO NORTE

SUL

As comemorações do Dia da Marinha 2017, no Algarve, decorreram nos dias 20 e 21 de maio e foram assinaladas em diversas ações, quer pela Marinha, quer pela Autoridade Marítima Nacional. As Lanchas de Fiscalização que se encontravam em período de missão e que constituem o dispositivo naval na Zona Marítima do Sul (ZMS), concretamente o NRP *Escorpião* e o NRP *Cisne*, estiveram abertos a visitas no Ponto de Apoio Naval de Portimão e em Olhão. Foram também proporcionadas à população algarvia visitas aos faróis de toda a costa desta região.

O Comando da Zona Marítima do Sul (CZMS) é um órgão da componente operacional do sistema de forças da Marinha, da dependência do Comando Naval, ao qual compete, em especial, a fiscalização nos espaços marítimos sob soberania ou jurisdição nacional, tendo em vista o exercício da autoridade do estado.



Para o cumprimento dos seus desígnios o CZMS conta, para além das suas instalações em Faro, com as instalações da extinta Estação Radionaval de Sagres, com o Ponto de Apoio Naval em Portimão, entre outras infraestruturas de apoio que sustentam a operação das Lanchas de Fiscalização em missão na ZMS.

O Departamento Marítimo do Sul (DMS) é um órgão da Direção-Geral da Autoridade Marítima (DGAM) que, para além das unidades que estão localizadas em Faro, coordena as atividades dos órgãos locais da Autoridade Marítima Nacional no Algarve. As capitánias asseguram a autoridade do estado nos seus espaços de jurisdição, desde a ribeira de Seixes até Mértola. Compete, de igual forma, ao DMS, através do Serviço de Combate à Poluição, a sensibilização e prevenção ambiental das autoridades portuárias, o combate à poluição no mar por hidrocarbonetos e a localização e disponibilização de meios de combate à poluição no seu espaço de jurisdição.

Colaboração do **COMANDO DA ZONA MARÍTIMA/**
/DEPARTAMENTO MARÍTIMO DO SUL





INSTITUTO HIDROGRÁFICO

O Instituto Hidrográfico (IH), como órgão da Marinha e serviço hidrográfico nacional, desempenhou um papel importante no planeamento da celebração da data da chegada de Vasco da Gama a Calecute, na Índia, a 20 de maio de 1498, ao assegurar a confirmação da informação batimétrica disponível nas áreas marítima e portuária onde, anualmente, se desenrolam as festividades, contribuindo para que as diversas atividades planeadas decorram em segurança, nomeadamente o desfile naval. Esta é, igualmente, sempre uma oportunidade para atualizar a cartografia náutica desta zona, sendo que é também preparado, para uso exclusivo e apoio da Marinha, um produto cartográfico específico.

Deste modo, a participação do IH começou alguns meses antes, com a realização pela sua Brigada Hidrográfica (BH) de um levantamento hidrográfico (LH) nos portos da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde e na faixa costeira adjacente, em meados de março e em inícios de maio de 2017. O levantamento foi efetuado com recurso a duas embarcações de sondagem: a lancha *Mergulhão*, equipada com um sistema sondador multifeixe (SMF) que opera nas frequências entre 200 e 400 kHz, e a lancha *Gaivota*, onde estava instalado um SMF que utiliza uma frequência de cerca de 300 kHz. Os sistemas utilizados permitem a busca total do fundo, dando origem a modelos batimétricos com resolução, respetivamente, de 0,5 e 1,0 m.



Grupo de jovens a observar a manobra da embarcação

Conquanto a informação que se encontrava representada na cartografia em vigor fosse recente e de qualidade equivalente, o trabalho de hidrografia realizado teve como objetivo obter informação hidrográfica atualizada, que permitisse o planeamento das comemorações do Dia da Marinha de 2017, assegurando a não existência de qualquer obstrução submersa.

Efetuados os trabalhos de hidrografia e avaliada a informação batimétrica recolhida, o IH e o Comando Naval promoveram a realização de uma reunião para preparação do Plano de Navegação do desfile naval, onde participaram os oficiais navegadores das unidades navais envolvidas, tendo sido apresentado o produto cartográfico desenvolvido especialmente para apoio ao evento.

Durante o período em que se desenvolveram as festividades associadas às comemorações do Dia da Marinha, e para que a população desta região de génese marinheira tivesse contacto com a atividade hidrográfica desempenhada pelo IH

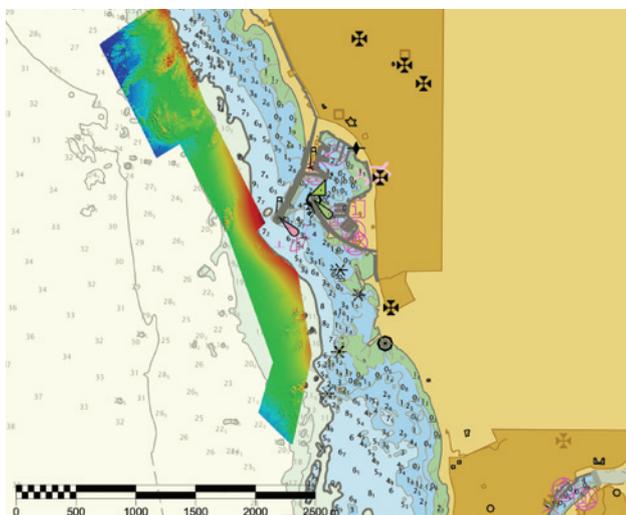
em prol das Ciências do Mar, uma equipa da BH realizou demonstrações de sondagem com um sistema sondador multifeixe, que foi instalado na embarcação *Gaivota*.

Neste sentido, entre os dias 13 e 21 de maio, mais de 450 pessoas tiveram a oportunidade de navegar no Rio Ave e observar o funcionamento dos equipamentos instalados a bordo, bem como aprender um pouco mais sobre hidrografia, os trabalhos e as missões deste órgão da Marinha.

Destaca-se o entusiasmo e o interesse demonstrado pelas pessoas presentes e que, ao reconhecerem a importância da missão do Instituto Hidrográfico e expressarem a sua gratidão pelo trabalho desenvolvido pela Marinha, no âmbito da hidrografia, da cartografia náutica e da segurança da navegação, deixaram uma sensação de orgulho e dever cumprido a todos os militares.

Paralelamente, o Instituto Hidrográfico esteve também presente na exposição de atividades na Alfandega Régia, em Vila do Conde, divulgando os projetos de investigação e desenvolvimento científico. Entre os dias 13 e 21 de maio, 650 alunos de 20 escolas dos concelhos de Vila do Conde e da Póvoa de Varzim tiveram a oportunidade de interagir com a *Sand Box* e com a mesa displax – PAD interativo ao toque.

Colaboração do INSTITUTO HIDROGRÁFICO



Modelo batimétrico da área do desfile naval

VI(R)VER O MAR

CONCURSOS LITERÁRIO E DE FOTOGRAFIA

Em prol da aproximação entre os portugueses e o mar, a Marinha, através da Comissão Cultural, lançou duas iniciativas a nível nacional do âmbito do projeto “Vi(r)ver o Mar” aquando das comemorações do Dia da Marinha 2017 – um Concurso de Fotografias (a cores e a preto e branco, subdividido em três categorias: objetos, pessoas e ambiente) e um Concurso Literário (destinado ao público escolar – 1º, 2º e 3º ciclos – com o mote: “... e num misto de entusiasmo e grande emoção, o marinheiro grita a plenos pulmões: Terra à vista! Terra à vista! Terra à vista!!!”).

No desafio literário participaram 35 escolas, que concorreram com 212 textos, os quais deviam cumprir os seguintes requisitos: i) serem inéditos e redigidos em português; e ii) serem apresentados em formato A4, não podendo ultrapassar as 2 páginas. Foram premiados os textos dos seguintes alunos: Afonso Filipe Silva Ma-



nuel (EB1 Á-dos-Loucos – 1º ciclo); Francisca Antunes (Colégio de Alfragide – 2º ciclo) e Carolina Peijnenburg (EB 2, 3 Luís de Camões – 3º ciclo). Os prémios foram entregues em cerimónia pública realizada

no Museu de Marinha – Pavilhão das Galeotas – a 19 de maio.

No desafio fotográfico convidavam-se os participantes a partilharem as suas perspetivas sobre as respetivas vivências de mar; contou com cerca de 60 participações, num total de mais de 170 fotografias. Destas, foram selecionadas 13, sendo 3 as premiadas e 10 as menções honrosas. O sr. José Martins foi o grande vencedor com a fotografia, a cores, à qual deu o título “Batismos de Mar”. As fotografias estiveram em exposição, entre os dias 13 e 21 de maio, no Teatro Municipal de Vila do Conde onde, em singela cerimónia no dia 20 de maio, foram entregues os certificados de participação aos três primeiros classificados, no final do concerto da Banda da Armada. No dia 8 de junho (Dia Mundial dos Oceanos) prevê-se inaugurar a mesma exposição no Pavilhão das Galeotas.



REVISTA DA ARMADA – PRÉMIOS 2016

Na sequência da homologação da ata da reunião do júri, teve lugar, no dia 4 de maio, a cerimónia de entrega dos prémios da Revista da Armada referentes ao ano de 2016, presidida pelo Almirante CEMA e AMN.

No Salão Nobre do GABCEMA estiveram presentes, entre outros, o Superintendente do Pessoal, o Inspetor-Geral de Marinha, o Diretor da Revista da Armada, o CALM Lila Morgado, o SUBCEMA, o CALM Leira Pinto, o Chefe e demais membros do Gabinete CEMA, bem como os elementos da guarnição da Revista da Armada.

O Almirante CEMA e AMN entregou o prémio “Comandante Joaquim Costa”, destinado ao melhor trabalho publicado na RA no ano de 2016, ao CMG Manuel Amaral Mota, pelo artigo “Miscigenação Portuguesa pelo Mundo”, publicado no número 510.

Em seguida, fez entrega do prémio “Almirante Pereira Crespo”, destinado à melhor colaboração com a RA no ano de



Foto: ISAR A. Ferreira Dias

2016, ao CMG Luís Nuno da Cunha Sardinha Monteiro, pelos artigos da série “Strategia”, publicados nos números 503 a 507 e 509 a 513.

Finalmente, o Almirante CEMA e AMN felicitou os oficiais premiados, reconhe-

cendo a qualidade dos seus trabalhos, e enalteceu a crescente importância da Revista da Armada na difusão das atividades da Marinha, terminando a cerimónia com um Porto de Honra.





ACADEMIA DE MARINHA

No âmbito das comemorações do Dia da Marinha 2017, decorreu no Auditório da Academia de Marinha, em 23 de maio, uma Sessão Solene presidida pelo Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional, Almirante António Silva Ribeiro, em que foi apresentada a comunicação “Gerações da guerra moderna: de Vestefália às guerras de 4ª geração”, pelo Académico Nuno Sardinha Monteiro.

No início da Sessão procedeu-se à imposição de condecorações a militares que prestam e prestaram serviço na Academia de Marinha, atribuídas por sua excelência o Almirante CEMA.

Após agradecer a presença do Almirante CEMA e AMN, o Presidente da AM, Almirante Francisco Vidal Abreu, referiu que “a preparação desta sessão, integrada nas comemorações do Dia da Marinha, constitui sempre, um ponto alto da programação anual da Academia” e que “a presença do Comandante da Marinha presidindo à sessão atribui-lhe brilho e responsabilidade acrescida que não enjeitamos, antes agradecemos”. A finalizar, o Presidente da AM disse ter convidado o Comandante Sardinha Monteiro, “estudioso destas matérias, e que sobre elas escreve com regularidade, mantendo a Marinha e a comunidade internacional a par dos pensamentos mais recentes e que

fará a ponte entre o passado e o futuro, não deixando de focar os sinais a que devemos estar atentos”.

Seguiu-se a apresentação da comunicação pelo Académico Sardinha Monteiro, o qual salientou “ser mais ou menos consensual que as guerras mais recentes possuem características muito peculiares. Nalguns aspetos, trata-se da reciclagem de velhas técnicas, noutros aspetos evidenciam-se novas características”, e que alguns grupos de militares e académicos têm procurado caracterizar as novas formas de conflitualidade, usando denominações como guerras não-convencionais, guerras irregulares, guerras não-lineares ou guerras híbridas.

Para o conferencista, “uma outra designação que tem sido bastante empregue é a de guerras da 4ª geração, introduzida em 1989 por um conjunto de autores norte-americanos, no quadro de uma conceptualização sobre as várias gerações da guerra moderna. Segundo esses autores, embora o desenvolvimento militar seja um processo evolutivo contínuo, é possível identificar na era moderna momentos em que a condução da guerra se alterou de forma significativa, os quais definem diferentes gerações da guerra.

Em termos sucintos, a 1ª geração de guerras iniciou-se com o Tratado de Vestefália, que estabeleceu os princípios do



estado-nação e da soberania estatal. A guerra passou a ser um monopólio do estado-nação, caracterizando-se por enfrentamentos de exércitos numerosos. O conflito mais emblemático desta geração de conflitual foram as Guerras Napoleónicas”.

A 2ª geração da guerra surgiu com o aumento do poder de fogo das armas, bem como do seu alcance, precisão e frequência de tiro. O primeiro conflito desta geração foi a Guerra Civil Americana (1861-1865), embora o exemplo mais paradigmático tenha sido a Grande Guerra de 1914-18.

Entretanto, a II Guerra Mundial (1939-1945) revelou uma nova forma de condução das disputas militares, baseada no movimento, emergindo, assim, a 3ª geração da guerra. Com efeito, a *blitzkrieg* conduzida pelos alemães no início daquele conflito evidenciou como tropas dotadas de grande manobrabilidade se conseguiam sobrepôr a forças estáticas entrenchadas, mesmo que dotadas de grande capacidade de fogo.

Contudo, o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 trouxe uma nova forma de conflitualidade, marcando o início da 4ª geração da guerra. As guerras desta geração caracterizam-se por um esbatimento das fronteiras entre a guerra e a paz, e por um regresso à conflitualidade típica da era pré-moderna, com o estado-nação a per-



Ratificação do Tratado de Münster em 15 de maio de 1648, por Gerard ter Borch, 1648

der o monopólio da ação militar, devido ao envolvimento de atores não-estatais (como grupos de guerrilha, grupos insurgentes, terroristas, etc.).

Após descrever as várias gerações da guerra, o Académico Sardinha Monteiro fez uma análise deste modelo apontando, entre outras críticas, a pouca atenção dada à conflitualidade no mar, apesar da caracterização das guerras de 4ª geração também se aplicar no ambiente marítimo. Nesta linha, foram apresentadas vá-

rias ações de 4ª geração ocorridas num passado recente, em ambiente litoral, nomeadamente: o ataque do Hezbollah à corveta israelita *Hanit* com um míssil anti-navio, em 14 de julho de 2006; o ataque de um grupo afiliado do autodenominado Estado Islâmico, com um *rocket*, a um navio da Marinha Egípcia, em 16 de julho de 2015; e o lançamento de dois mísseis contra navios de guerra norte-americanos, por rebeldes *Houthis*, a 8 de outubro de 2016.

Após apontar os principais méritos deste modelo geracional das guerras, o orador concluiu com algumas considerações finais, acentuando que, “como a guerra está permanentemente a evoluir, é fundamental efetuar um esforço constante e contínuo de concetualização e de prospetiva, de forma a procurar antecipar os traços distintivos da conflitualidade futura”.

Colaboração da **ACADEMIA DE MARINHA**

LIVRO

"À MESA COM A MARINHA. VOL II – MARINHA DA REPÚBLICA PORTUGUESA"

A 15 de maio de 2017, no âmbito do Dia da Marinha, em cerimónia presidida pelo Almirante Silva Ramalheira, em representação do Almirante CEMA/AMN, foi apresentado ao público, na Academia de Marinha, o livro “À Mesa com a Marinha. Vol. II – Marinha da República Portuguesa”, da autoria do Dr. Paulo Santos, Membro da Academia de Marinha.

O livro de 150 páginas, profusamente ilustrado com cerca de 260 imagens, dá seguimento ao Volume I “À Mesa com a Marinha – Marinha Real Portuguesa”, publicado em 2014. O autor fecha assim a temática iniciada há dois anos, sempre com a preocupação de divulgar a Marinha, a sua história, identidade única e tradições, junto do grande público.

A apresentação do livro foi feita pelo CALM MN Rui Abreu. Além de se centrar sobre as questões da alimentação, da evolução, conservação dos alimentos e da nutrição das guarnições nos navios da Armada, desde 1910, o livro incide igualmente sobre o extraordinário papel da formação do pessoal da “Taifa”, ao longo do século XX, a cargo das Escolas da Armada (Escola de Alunos Marinheiros, Grupo nº 1 de Escolas da Armada, ETNA).

A obra frisa nomeadamente o papel marcante das Mesas da Marinha, na representação de Portugal no Mar, assumida na sua forma mais visível e desde há mais



Foto: SMOR L. Almeida de Carvalho

de 55 anos pelo NRP Sagres, verdadeira embaixada de Portugal. A Marinha tem assim levado pelos mares e pelo mundo as nossas tradições, dando a conhecer a sua formação e serviço, contribuindo com brio e com garbo para a ampla promoção do país, da sua cultura, da sua história, da sua culinária e dos seus vinhos. Nos anexos, o livro faz justamente referência às mesas e ao serviço a bordo de várias unidades navais (NRP Sagres, NRP Creoula, NRP D. Francisco de Almeida, NRP Arpão) e em terra (Messes de Lisboa e de Cascais) e Clube Militar Naval.

O livro “À Mesa com a Marinha. Vol. II - Marinha da República Portuguesa” aborda também o papel da Mesa, hoje

na Marinha. No mar onde os Marinheiros afrontam condições particulares de isolamento, ambientes confinados, missões longas e penosas, longe do País, longe das Famílias. No mar onde, de forma inequívoca, a alimentação ajuda a manter e consolidar o moral e o ânimo das guarnições. Finalmente, em torno de Histórias e de Memórias de Marinheiros, presta uma homenagem sentida e merecida a todo o pessoal da “Taifa” da Marinha, a todos os que, com abnegação, espírito de sacrifício e com brio dedicam as suas vidas profissionais a servir na Marinha e a servir a Marinha sobre a Terra e sobre o Mar.



CNOCA



O Clube Náutico dos Oficiais e Cadetes da Armada – CNOCA associou-se às comemorações do Dia da Marinha 2017 (DM17) promovendo a realização de diversas atividades no âmbito das áreas desportivas do clube, nomeadamente a pesca submarina, o tiro desportivo, a vela ligeira e de cruzeiro e o golfe.

O clube iniciou estas comemorações no dia 7 de maio de 2017, tendo a 9ª edição do Troféu de Pesca Submarina do Dia da Marinha de duplas à barbatana, decorrido no Meco – praia das Bicas. Esta prova desenrolou-se em paralelo com o Campeonato Nacional de Duplas da modalidade e com o Troféu Hercúlo Trovão, sendo que este último visa distinguir os maiores exemplares por dupla.

Participaram 30 atletas, ou seja 15 duplas, que após a concentração na praia puderam confirmar as condições favoráveis para iniciar a prova. Já dentro de água, constataram que a visibilidade, sendo variável, conforme as zonas, conseguia chegar aos 11 metros. O mar estava com ondas de cerca de um metro de oeste, o vento era fraco de várias direções e a água estava a 17 graus de temperatura. Pelas 9 horas os atletas dividiram-se pelos dois pontos mais propícios para entrar, um mais a norte e outro a sul da praia, sendo que alguns procuraram zonas mais fundas e por fora. Os resultados foram aparecendo posteriormente, pois todas as duplas pontuaram. Na última hora praticamente todas as duplas exploraram a zona contígua à rebentação, o que permitiu ainda capturar mais alguns espécimes e sair sem percalços.

Já na areia, os pescadores declararam o número de capturas, tiraram a fotografia da praxe aos maiores e mais raros peixes, que foram logo identificados como serras, um grande robalo, alguns pargos sêmeas, saimas, abróteas e rascassos...

Na sede do CNOCA, na Base Naval de Lisboa, realizaram-se as pesagens, seguindo-se a doação de grande parte do pescado à instituição particular de solidariedade social “Associação Vale de Acór”, que desenvolve a sua atividade no âmbito da recuperação de dependentes, no Concelho de Almada.

Após o almoço-convívio, procedeu-se ao sorteio de material e à entrega de prémios pelo vice-presidente do CNOCA. Os pódios receberam as duplas e os clubes que se distinguiram pelo número e o tamanho das capturas nas pesagens, tendo a classificação final, considerando todas as duplas, sido a seguinte: o maior exemplar, um robalo de 4510 kg, foi pescado pela dupla Ricardo Alves/Nelson Luís, do Clube Naval de Peniche. Em termos de equipas, a vencedora foi a Honda-Marine-Grow, seguida da do Vasco da Gama Atlético Clube e da equipa do Clube Naval de Peniche. A equipa do CNOCA ficou na 4ª posição.

O apoio da Capitania do Porto de Setúbal foi fundamental para garantir as condições de segurança aos atletas que permaneceram várias horas em busca das suas presas, pois manteve na zona uma embarcação salva-vidas.

Nos dias 13 e 14 de maio, realizou-se o Torneio de Vela Ligeira do Dia da Marinha 2017 e o II Troféu Duarte Belo, que contou com a presença de cerca de 150 velejadores. A vela foi, como tem sido tradição, uma vertente bastante significativa das comemorações do Dia da Marinha, tendo contado com regatas de vela ligeira e de *windsurf*.

Em vela ligeira estiveram presentes 103 embarcações na classe de Optimist. O mar da Palha esteve repleto de embarcações com jovens velejadores vindos de todo o país. Estiveram presentes velejadores de 15 clubes náuticos, desde Viana do Castelo a Faro. No sábado, dia 13 de maio, as condições meteorológicas permitiram a realização das regatas com ventos de sudoeste. No domingo, com ventos mais fracos, também do mesmo quadrante, realizaram-se mais duas regatas, na classe Optimist. Nas classes de vela ligeira de Vaurien, Snipe, Laser e 420 estiveram 23 embarcações que realizaram um total de seis regatas nos dois dias de provas. De destacar o facto de jovens velejadores da escola de vela de competição do CNOCA terem alcançado excelentes resultados nas regatas de Optimist, nomeadamente um 4º lugar para o jovem David Monteiro

da Silva numa frota com 44 embarcações.

No que se refere ao *windsurf* decorreu a segunda etapa do circuito de windsurf RS:One 2017, inserido nas comemorações do Dia da Marinha, no dia 13 de maio, na bacia de manobra da Base Naval de Lisboa. O vento soprou entre os 12 e 16 nós, o que permitiu realizar as regatas, que contaram com 13 velejadores de várias nacionalidades, nomeadamente da Bélgica, do Brasil e do Reino Unido, bem como o campeão português Pedro Moura, que venceu esta etapa.

A Marinha apoiou o evento mediante o envolvimento da Escola Naval com cadetes, embarcações e apoio logístico, assim como dos fuzileiros, que garantiram com os seus botes a assistência necessária aos campos de regata e à segurança dos velejadores.

Após as regatas, no final do dia de domingo, realizou-se a distribuição dos prémios da classe de Optimist. Os restantes prémios serão distribuídos em cerimónia a anunciar, após a realização do 68.º Festival Náutico do CNOCA – 700 Anos da Marinha, no mês de outubro.

Também no mesmo fim-de-semana de 13 e 14 de maio realizou-se o Torneio de Tiro do Dia da Marinha 2017, prova de *ranking*, nas modalidades de pistola de percussão central (PPC) e pistola 25mts (P25) na carreira de tiro do Centro de Educação Física da Armada (CEFA). A realização e a organização deste torneio contaram com uma participação conjunta entre o CNOCA, a Associação de Fuzileiros e o Clube de Praças da Armada (este ano como clube coordenador do evento).

No dia 13 realizou-se a disciplina de PPC para os homens, com 13 atletas. O dia 14 contou com a presença de oito mulheres na disciplina de P25. Em ambos os dias teve lugar um almoço de convívio na BNL para partilha de vivências e sã camaradagem entre atletas, representantes de clubes e equipa de arbitragem.

O torneio terminou com a cerimónia de entrega de prémios realizada no CEFA, em que estiveram presentes os diretores dos clubes organizadores e o diretor do CEFA, para além de representantes dos vários clubes participantes, atletas e equipa de arbitragem. Ressalva-se a vitória da atleta Joana Castelão, do Clube de Atiradores do Pessoal da Polícia de Segurança Pública (CAPPSP) em P25 – Senhoras, do atleta Óscar Coelho, da Casa do Povo de Corroios em P25 – Juniores e o atleta António Santos da Equipa de tiro do Exército em PPC. O troféu de equipa foi ganho pelo CAPPSP. No geral o torneio contou com a participação de 22 atletas.

No dia 25 de maio, no magnífico campo da Aroeira I, realizou-se o XXII Torneio de Golfe do Dia da Marinha, que contou com a pre-



sença aproximada de 60 jogadores que assim se quiseram associar às comemorações da chegada de Vasco da Gama a Calecute e aos 700 anos da Marinha.

O vencedor *gross* foi David Gaspar do Clube de Golfe da Força Aérea, com 27 pontos. Em *net*, o 1.º lugar, com 39 pontos, coube a Ana Pinheiro, o 2.º lugar a João Roquette, com 38 pontos, e o 3.º lugar a José Jerónimo, com 37 pontos. Nos prémios especiais, a bola que ficou mais perto da bandeira foi a de António Martins Pereira, no buraco 14; a Pancada mais Longa - Homens foi obtida por Pedro Bismarck e em Senhoras por Isabel Castro Almeida, ambos no buraco 18.

Ao torneio seguiu-se o jantar de encerramento e a entrega de prémios, na Messe de Cascais – Palácio Seixas, presidido pelo VALM Mendes Calado em representação do Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada.

Para encerrar as celebrações do Dia da Marinha o CNOCA realizou, a 27 de maio, regatas de vela de Cruzeiro, no estuário do rio Tejo. As regatas foram disputadas na classe ANC, tendo a participação atingido cerca de 40 embarcações. A largada, após adiamento por falta de vento, decorreu próximo da entrada do canal do Alfeite, tendo sido utilizada uma bóia de demarcação para que se procedesse a uma pequena tirada à bolina. O percurso foi o mais curto dos que estavam previstos, dadas as condições de vento fraco e de corrente de enchente bastante forte. Após a largada foi necessário rondar a primeira boia junto ao Poço do Bispo seguido do pilar norte e pilar sul da ponte 25 de Abril e chegada. O vencedor da classe ANC A foi a embarcação *Atchim*, em ANC B o *Breeze*, em ANC D o *Bell e Epoque* e em ANC E o *Fanático*. De destacar que houve embarcações que não terminaram a regata por não se conseguirem vencer a corrente de enchente por forma a rondar o pilar norte. Apesar das condições meteorológicas sentidas na manhã, a regata constituiu mais uma oportunidade para a comunidade náutica da região de Lisboa disfrutar de uma prova cuja largada foi em local pouco frequente mas que proporciona um bom conhecimento da zona mais a montante do estuário do rio Tejo.

É de referir que o apoio da Marinha e da Autoridade Marítima foram determinantes para a concretização de mais esta celebração do Dia da Marinha e que o CNOCA continua hoje, na esteira dos seus 129 anos de existência, a dinamizar a área desportiva e inúmeras atividades junto dos associados e da comunidade em geral, tendo em vista despertar o interesse pelos assuntos do mar e atrair os jovens para esta área.



Foto Paulo Farinha Alves



CLUBE DE PRAÇAS DA ARMADA

Todos os anos, o Clube Militar Naval (CMN), o Clube de Sargento da Armada (CSA) e o Clube de Praças da Armada (CPA), em conjunto, comemoram o Dia da Marinha com iniciativas culturais, recreativas e/ou desportivas, que entendem por bem organizar. Assim, este ano, num sistema de rotatividade, o CPA organizou as seguintes atividades:

MEDALHA DM17

A cerimónia de lançamento da medalha comemorativa do Dia da Marinha 2017, este ano dedicada aos 700 anos da criação da Marinha Portuguesa teve lugar



no passado dia 08 de maio de 2017, às 17h30, na sede social do CPA, na Romeira, Cova da Piedade.

O presidente da direção do CPA, Carlos Cardoso, o presidente da direção do CSA, Rui Nogueira e o Diretor de Relações Externas e Atividades Associativas do CMN, Comandante Cortes Banha, conjuntamente com o Sr. Comandante Zambujo, que mais uma vez foi o autor da medalha, procederam ao seu lançamento.

Além de algumas coletividades/associações do movimento do concelho de Almada e do Presidente da União das Freguesias do Laranjeiro e Feijó, Sr. Luís Palma, estiveram presentes na sessão de lançamento o CMG FZ Pacheco dos Santos, em representação do Corpo de Fuzileiros, bem como representantes do CEFA, da ETNA, da Associação de Fuzileiros, da Associação Nacional de Sargentos, e o Presidente da Direção da Associação de Praças.

TORNEIO DE PESCA

No âmbito das comemorações do Dia da Marinha, realizou-se, no dia 13 de maio de 2017, das 09 às 13h00, uma Prova/Concurso de Pesca Desportiva do Dia da Marinha 2017, no pontão Norte do Arsenal do Alfeite.

O referido torneio/concurso de Pesca Desportiva realiza-se desde 1992, altura em que foi criada a Secção de Pesca do Clube de Praças da Armada. Tendo-se realizado há sete anos consecutivos desde o ano de 2010.

Esta prova contou para o concurso/ torneio interno do Clube de Praças Ar-

mada do ano de 2017, e nela participaram cerca de vinte pescadores/atletas associados do CPA, tendo-se concluído com um almoço convívio de confraternização entre pescadores/atletas e familiares.

TORNEIO DE TIRO

O Torneio de Tiro “Dia da Marinha”, integrado no calendário oficial da Federação Portuguesa de Tiro (FPT), é um Torneio que pontua para o *ranking* nacional nas modalidades de PPC e P25 e foi de organização conjunta do Clube Náutico de Oficiais e Cadetes da Armada (CNOCA), da Associação de Fuzileiros (AFZ) e do Clube de Praças da Armada (CPA). Este ano foi coordenado pelo CPA e realizou-se na carreira de tiro do CEFA, nos dias 13 e 14 de maio.

O torneio contou com a participação de 22 atletas, dos quais 8 senhoras, um júnior e 14 homens, em representação dos seguintes clubes: CPA – Clube de Praças da Armada, CAPPSP – Clube de Atiradores do Pessoal da PSP, AAACM – Associação de Antigos Alunos do Colégio Militar, ETE – Equipa de Tiro do Exército, CPC – Casa do Povo de Corroios, SCP – Sporting Clube de Portugal, ADCRPJ - Associação Desportiva Cultural Recreativa da Polícia Judiciária, ST2 - Sociedade de Tiro nº 2 de Lisboa, ATPD – Associação de Tiro de Ponta Delgada, AIT – Associação Ibérica de Tiro.

Para a sua realização foi indispensável o apoio da FPT e de alguns organismos da Marinha, tais como o CEFA e a BNL.

A cerimónia de entrega de prémios realizou-se no dia 14 de maio, às 13h45, na carreira de Tiro do CEFA, e os prémios foram entregues pelo Diretor do CEFA, pelo Presidente da Direção do CNOCA, pelo Sargento FZ Couto, em representação da Associação de Fuzileiros, e pelo Presidente da Direção do Clube de Praças da Armada.

Colaboração do **CLUBE DE PRAÇAS DA ARMADA**



MEDALHA COMEMORATIVA



No passado dia 28 de abril de 2017, os Clubes Militar Naval (CMN), do Sargento da Armada (CSA) e de Praças da Armada (CPA), representados pelos seus Corpos Dirigentes, procederam à oferta do exemplar número 1 da medalha comemorativa do Dia da Marinha 2017 (38ª Edição) ao Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional, Almirante António Silva Ribeiro.

A entrega desta medalha ao Comandante da Marinha é um ato tradicional e rotativo entre os 3 clubes, cabendo este ano ao CPA proceder a essa entrega em mão. A referida medalha foi concebida pelo CMG Herlander Valente Zambujo, que esteve igualmente presente, cuja obra neste domínio já é por demais reconhecida e uma vez mais faz jus a essa reputação ao conceber uma medalha especial comemorativa dos 700 anos da Marinha.

Desta forma, a medalha apresentada atesta um acontecimento relevante da História Marítima de Portugal ao lembrar o genovês *Micer* Manuel Pessanha em 1317 quando foi escolhido para exercer o cargo de Almirante deixado vago por Nuno Fernandes Cogominho. A escolha dos emissários do rei D. Dinis, em missão em Avinhão, recaiu sobre Pessanha por gozar de boa reputação junto da corte inglesa e na cúria pontifícia. Convidado a dirigir-se a Portugal, o encontro entre D. Dinis e o escolhido decorreu de forma oficial em Santarém. A magnífica cerimónia de nomeação foi caracterizada por um ritual solene em parte religioso, cite-se a vigília noturna de oração

na igreja no dia anterior, e em parte laico, com a chegada do eleito, vestido de roupas requintadas, ao Paço do Rei, em que o soberano oferta um anel e uma espada, para a mão direita, e um estandarte com as armas régias, para a mão esquerda, fazendo lembrar a cerimónia de investidura dos cavaleiros.

Foi assim que, no dia 1 de fevereiro de 1317, o rei e o genovês assinaram o contrato que continha as obrigações recíprocas das partes. Neste auto D. Dinis, de acordo com a rainha D. Isabel e o infante herdeiro D. Afonso, estabelecia as regras de contratação para o novo almirante, impondo, entre muitas outras coisas, o vínculo de vassalagem e de lealdade ao rei e aos seus sucessores.

Este contrato viria a ser sucessivamente confirmado na sua pessoa por cartas de mercê de 10 e 23 de fevereiro de 1317, 14 de abril de 1321 e 21 de abril de 1327.

Já como Almirante de Portugal, Manuel Pessanha, homem de confiança do rei D. Dinis, forte pela sua formação e pela sua experiência anterior, exerceu um papel importante na renovação da Marinha Portuguesa, e cumpriu delicadas missões diplomáticas na qualidade de embaixador do Rei de Portugal junto da Santa Sé Apostólica, numa altura em que o Reino assistia a grandes transformações no âmbito da Administração, no sentido de uma sempre e mais marcada centralização do poder, promovida pelo soberano.

Participou nas batalhas navais que opuseram Castela a Portugal no tempo de

Afonso IV de Portugal e Afonso IX de Castela, tendo sido feito prisioneiro dos castelhanos em 1337, após a derrota na Batalha do Cabo de São Vicente, e libertado em 1339.

Comandou a Armada Portuguesa que auxiliou Castela na Batalha do Salado em 30 de outubro de 1340, combatendo ao largo de Cádiz, enquanto as embarcações dos mouros bloqueavam Tarifa. Em 1341, participou num ataque a Ceuta, considerada um ninho de piratas marroquinos que depredavam regularmente as costas do Reino do Algarve. A sua atitude neste confronto levou a que o Papa Bento XII o mencionasse elogiosamente numa Bula de Cruzada que expediu para o rei português.

O Almirante Pessanha constituía assim em Portugal uma família que, até à crise de 1383-1385, assumia por via hereditária o cargo de Almirante de Portugal.

Após este ato cerimonioso, e sempre significativo, houve lugar a uma troca de impressões entre o Almirante Comandante da Marinha e os representantes dos Clubes, tendo sobretudo ficado destacado o importante papel destas instituições no plano social, pelo apoio que prestam aos seus associados e familiares e que em última instância também são fator de contribuição para a coesão da Marinha. No entanto, este trabalho prestado pelos Clubes aos seus associados não seria completamente efetivo sem o apoio da Marinha, conforme foi igualmente transmitido pelos seus Corpos Dirigentes ao Almirante CEMA e AMN.



NÚCLEO DE RADIOAMADORES DA ARMADA

No ano do seu 15º aniversário, o Núcleo de Radioamadores da Armada (NRA), mercê das alterações introduzidas no Regulamento do Concurso de Radioamadorismo do Dia da Marinha, promoveu o aumento do período do Concurso de dois para oito dias, com início a 13 e fim a 20 de maio.

Com este alargamento o NRA visou potenciar a divulgação das atividades no âmbito dos seus objetivos, bem como expandir a evocação das celebrações do Dia

da Marinha

Com recursos próprios, durante uma semana, a nossa estação CS5NRA, desde o Alfeite, os nossos associados dentro e fora de Portugal e clubes congéneres por toda a Europa, tiveram a oportunidade de trocar entre si e com outras estações de amador espalhadas pelo Globo, um número considerável de contactos (QSO's) em *Single Side Band*, em Radiotelegrafia, PSK31 e RTTY, maioritariamente em onda

curta.

Dado que o prazo de recepção de cartões de registo (QSL's) só termina no final da primeira semana de junho, ainda não nos é possível ter uma leitura rigorosa quanto ao número de participantes, todavia as expectativas são encorajadoras.


José Rafael Costa
Ex-Mar C
CT4GN

VIKINGS – GUERREIROS DO MAR

MUSEU DE MARINHA – 18 DE ABRIL A 12 DE NOVEMBRO

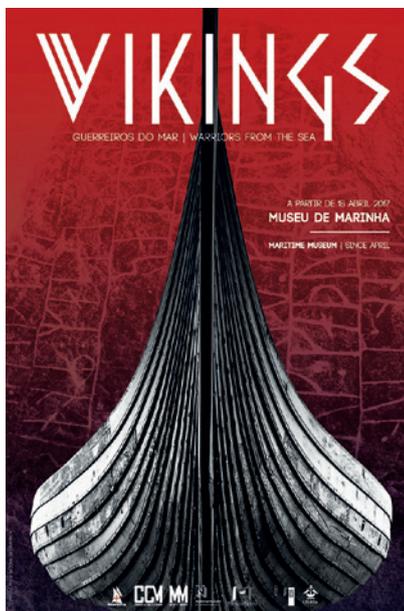
No passado dia 18 de abril foi inaugurada no Museu de Marinha, por Sua Excelência o Presidente da República, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, com a presença de Sua Excelência o Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante António Silva Ribeiro, a exposição temporária intitulada *Vikings – Guerreiros do Mar*.

características destes “guerreiros do mar”.

Também nos territórios que mais tarde viriam a ser Portugal, a presença destes “homens do norte” foi uma constante ao longo de mais de 300 anos, entre os séculos IX e XI. Quer na região do Condado Portucalense, quer nos territórios islâmicos mais a sul no Al-Andaluz, como Lisboa e Alcácer do Sal, as incursões vikings

através de impressionantes testemunhos materiais da Era Viking, alguns dos quais remontando aos séculos VIII e IX da nossa era.

Conhecer a história dos Vikings é conhecer a história de um povo que se projetou no mar, expandindo-se para além dos seus territórios, e que marcou profundamente a História do seu tempo. É,



Há mais de mil anos, os vikings chegaram às margens de uma Europa que não estava preparada para os receber. A violência inesperada dos seus ataques e a capacidade de se deslocarem em rápidos navios que lhes permitiam navegar ao longo da costa, mas também para o interior através dos rios, constituíam as principais

deixaram uma marca indelével naquelas sociedades, bem presente no início da nacionalidade.

Composta por mais de 600 peças originais provenientes do Museu Nacional da Dinamarca, esta exposição apresentamos os mais variados aspetos relacionados com a história e cultura destes povos

portanto, inevitável o paralelismo com a expansão marítima de um outro povo europeu que, séculos mais tarde, soube superar os limites do conhecimento, unindo oceanos e afirmando-se no mar – Portugal.


MUSEU DE MARINHA

MENSAGEM DO ALMIRANTE CEMA E AMN

Terminadas as comemorações do Dia da Marinha, realizadas na Póvoa de Varzim e em Vila do Conde, é com profunda satisfação e orgulho, de marinheiro e português, que felicito todos os que estiveram envolvidos na sua preparação e execução. A forma como, nas cerimónias, colocámos o carinho das nossas almas de portugueses e de marinheiros, permitiu prestar uma justa e merecida homenagem às gentes que, como nós, têm fortíssimas convicções e vivências marítimas. Por isso, nos retribuíram com uma adesão invulgar a todos os eventos.

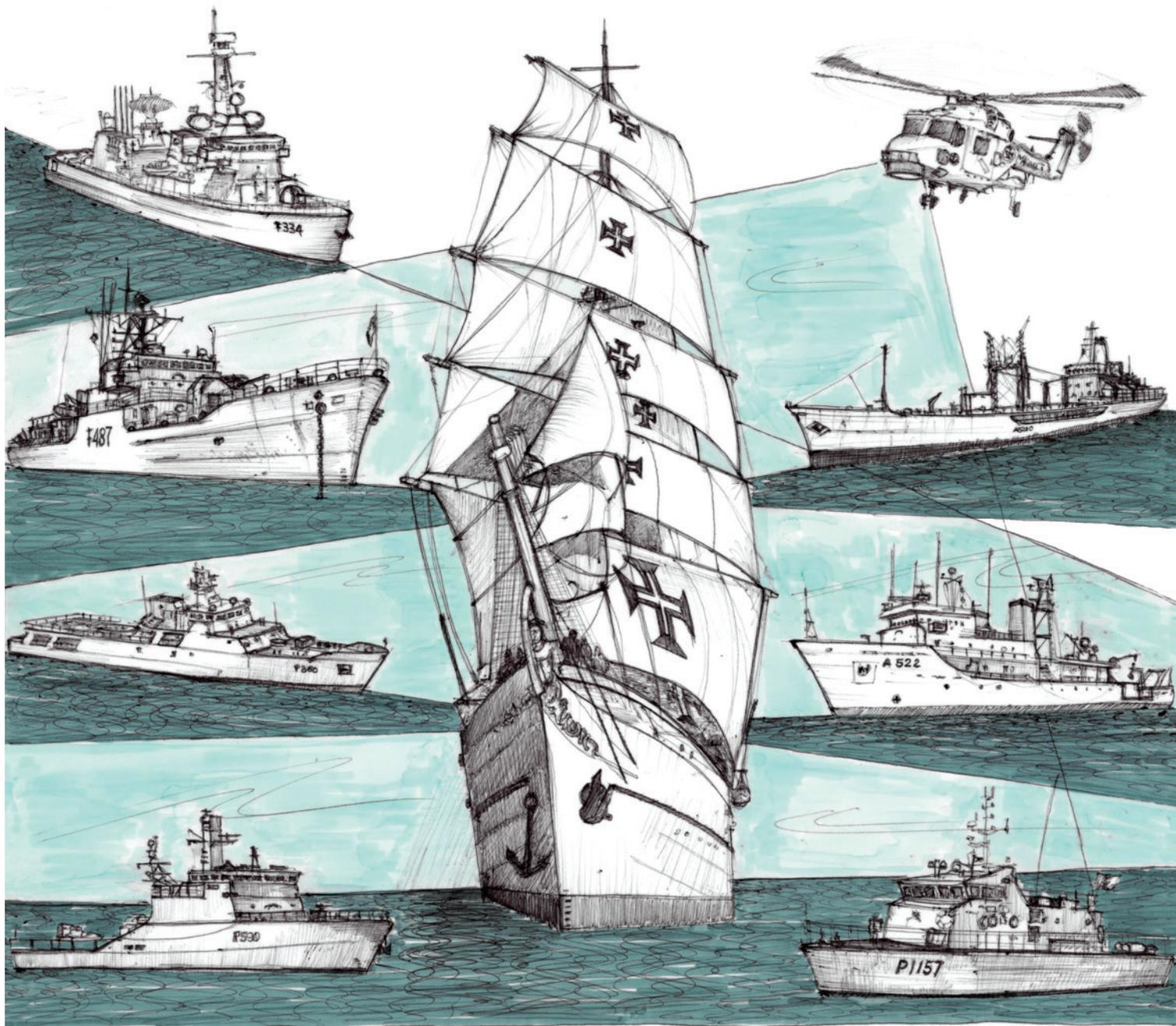
Através das inúmeras iniciativas culturais, sociais e desportivas desenvolvidas, soubemos abrir a Marinha à sociedade, oferecendo uma excelente e memorável demonstração da nossa utilidade, capacidade e relevância, e, dessa forma, cumprir, inequivocamente, os objetivos a que nos tínhamos proposto.

Também me sinto orgulhoso pelo apumo, brio e dignidade que demonstrámos, confirmando a ideia de que, trabalhando com empenho e rigor, seremos capazes de servir Portugal no mar, com relevância, construindo a Marinha do futuro e, dessa forma, honrar a pátria, como os nossos antecessores fizeram ao longo dos últimos 700 anos.

António Silva Ribeiro
Almirante
22MAI2017



**"SERVIR PORTUGAL NO MAR,
COM RELEVÂNCIA,
CONSTRUINDO A MARINHA DO FUTURO"**



TALANT DE BIEN FAIRE

